



Mikhael Paganotto Virtuoso

**Quanto valho nessa relação? Adaptação
e evidências de validade da escala de
valor relacional do companheiro**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Jean Carlos Natividade

Rio de Janeiro,
Janeiro de 2025.



Mikhael Paganotto Virtuoso

**Quanto valho nessa relação? Adaptação
e evidências de validade da escala de
valor relacional do companheiro**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Jean Carlos Natividade

Orientador

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Felipe Nalon Castro

UFRN

Prof. Vicente Cassepp-Borges

UFF

Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 2025.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Mikhael Paganotto Virtuoso

Graduou-se em Direito na UVA (Universidade Veiga de Almeida) em 2014. Cursou Neurociência e Psicologia Aplicada na UPM (Universidade Presbiteriana Mackenzie) em 2021. Apresentou diversos trabalhos em congressos na área da Psicologia. Como mestrando do L2PS na PUC-Rio, integrou o grupo de estudos de relacionamentos amorosos. É representante discente da Associação Latino-Americana de Ciências Evolucionistas do Comportamento Humano (2025-2027).

Ficha Catalográfica

Virtuoso, Mikhael Paganotto

Quanto valho nessa relação? : adaptação e evidências de validade da escala de valor relacional do companheiro / Mikhael Paganotto Virtuoso ; orientador: Jean Carlos Natividade. – Rio de Janeiro PUC, Departamento de Psicologia, 2025.

78 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Valor de companheiro. 3. Valor relacional de companheiro. 4. Mercado do amor. 5. Acasalamento seletivo. 6. Psicometria. I. Natividade, Jean Carlos. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

Aos meus pais, pelo amor, carinho, cuidado e apoio financeiro, intelectual e emocional que sempre deram aos meus estudos. Sem eles nunca teria chegado até aqui. Amo vocês.

Ao meu orientador Professor Jean Carlos Natividade que se transformou em um grande amigo. Obrigado por acreditar no meu potencial e por todas as correções e ensinamentos. Você transformou minha vida para sempre. Com você aprendi o que é ser um pesquisador de alto nível, na teoria e na prática. Obrigado por me apresentar e guiar nas Psis Evolucionista, Positiva, do Amor e claro, Social Psicológica e Psicometria.

Ao CAPES, CNPq, FAPERJ e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus amigos e amigas da PUC-Rio, em especial do L2PS, pelas inúmeras risadas, perrengues, aprendizados, rolés em congressos, correções e dicas nesses dois anos. Que venham muitos outros ao lado de vocês. Um agradecimento especial para a Dani Zib, Diogo, Guilherme, Joyce e Miriã, que contribuíram muito para a minha formação.

À minha namorada Lorena Zão, pelo amor em sua tríplice dimensão, pelo apoio incansável até o final e toda autoexpansão que me proporciona todos os dias. Amo você moZão.

À minha professora Anna Portugal, que com leveza e qualidade técnica me iniciou ao método quantitativo e me deixou ser seu monitor.

Ao meu professor Leonardo Martins, pelas aulas excepcionais de método quanti. Conseguiu tornar o estudo fácil e prazeroso.

Ao professor e amigo Felipe Novaes, por gentilmente me aceitar como estagiário em docência assim que iniciei o mestrado. Aprendi e ainda aprendo muito com você.

Ao Felipe Nalon, Jarka Valentova e Vicente Cassepp-Borges pela generosidade, compreensão e contribuições na qualificação e defesa. Certamente me ajudaram a ser um pesquisador melhor.

Aos funcionários do Departamento pelo carinho e ajuda de sempre.

A todos que divulgaram e participaram da minha pesquisa, sobretudo minha mãe e o Igor Carvalho, que ajudaram muita coisa.

A todos os amigos e familiares que de uma forma ou de outra me estimularam ou me ajudaram.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Virtuoso, Mikhael Paganotto; Natividade, Jean Carlos. **Quanto valho nessa relação? Adaptação e evidências de validade da escala de valor relacional do companheiro.** Rio de Janeiro, 2025. 78p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Donald Symons, em 1987, utilizou o construto do valor de companheiro para explicar o acasalamento seletivo entre os humanos pela primeira vez. Desde então, diversos pesquisadores propuseram novas definições teóricas e operacionais. Recentemente, identificaram que essas definições se agrupam em quatro abordagens teórico-metodológicas: holística, dimensional geral, dimensional e por *proxy*. Apesar das diferenças, todas partem da literatura evolucionista e de troca social para entender o valor de companheiro como a avaliação de características que sinalizam valor reprodutivo. Dessas abordagens, a dimensional tem sido a mais utilizada nas pesquisas. E entre os instrumentos dimensionais o *Mate Value Inventory* (MVI-7) se destaca pela abrangência, simplicidade e poder preditivo. Já foi adaptado para mais de oito países e é usado até hoje. Mas o *Relational Mate Value Scale* (RMVS), outra medida dimensional, inaugurou uma nova perspectiva para o valor de companheiro. Este instrumento derivou seus itens da literatura de relacionamentos amorosos e percepção social. Ele acessa o valor relacional, medindo o quanto um parceiro pode proporcionar um relacionamento de alta qualidade de maneira única. Contudo, não foram encontrados estudos de adaptação com as evidências de validade dessas escalas para o contexto brasileiro. A presente dissertação em formato de artigo é composta por dois estudos que tem por objetivo adaptar o MVI-7 e o RMVS para o contexto nacional, apresentando suas evidências de validade e indicadores de fidedignidade. Os resultados revelaram que ambos os instrumentos possuem estrutura unifatorial e relações esperadas com outras variáveis, além de alta correlação entre si e boa precisão.

Palavras-chave

Valor de companheiro; valor relacional de companheiro; mercado do amor; acasalamento seletivo; psicometria.

Abstract

Virtuoso, Mikhael Paganotto; Natividade, Jean Carlos (Advisor). **How Much Am I Worth in This Relationship? Adaptation and Evidence Validity for the Relational Mate Value Scale.** Rio de Janeiro, 2025. 78p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Donald Symons, in 1987, first employed the construct of mate value to explain selective mating among humans. Since then, various researchers have proposed new theoretical and operational definitions. Recently, it has been identified that these definitions cluster into four theoretical-methodological approaches: holistic, general dimensional, dimensional, and by proxy. Despite their differences, all draw from evolutionary and social exchange literature to conceptualize mate value as the assessment of characteristics signaling reproductive value. Among these approaches, the dimensional approach has been the most widely used in research. Within dimensional instruments, the Mate Value Inventory (MVI-7) stands out for its comprehensiveness, simplicity, and predictive power. It has been adapted for use in over eight countries and remains in use today. However, the Relational Mate Value Scale (RMVS), another dimensional measure, introduced a novel perspective on mate value. This instrument derived its items from literature on romantic relationships and social perception. It assesses relational value by measuring the extent to which a partner can uniquely provide a high-quality relationship. Nevertheless, no adaptation studies with validity evidence for these scales have been identified within the Brazilian context. This dissertation, presented in article format, comprises two studies aimed at adapting the MVI-7 and RMVS to the national context, providing validity evidence and reliability indicators. The results revealed that both instruments exhibit a unifactorial structure and expected relationships with other variables, alongside high intercorrelation and good precision.

Keywords

Mate value; relational mate value; mating market; assortative mating; psychometrics.

Sumário

Introdução da dissertação	10
1. Evidências de validade do <i>Mate Value Inventory</i> (MVI-7) no Brasil	13
Resumo.....	14
Abstract.....	15
1.1. Introdução	16
1.2. Presente Estudo.....	20
1.3. Método	21
1.3.1. Participantes	21
1.3.2. Instrumentos	21
1.3.3. Procedimentos	23
1.4. Resultados	24
1.5. Discussão.....	29
2. Quanto valho nessa relação? Adaptação e evidências de validade do <i>Relational Mate Value Scale</i> (RMVS) no Brasil.....	34
Resumo.....	35
Abstract.....	36
2.1. Introdução	37
2.1.1. Valor de companheiro e autoestima.....	39
2.1.2. Valor de companheiro e empatia	40
2.1.3. Valor de companheiro e satisfação com o relacionamento amoroso	41
2.1.4. Valor de companheiro e o amor	42
2.1.5. Valor de companheiro e o traço de atratividade sexual.....	43

2.2. Presente Estudo	44
2.3. Método	44
2.3.1. Participantes	44
2.3.2. Instrumentos	44
2.3.3. Procedimentos	48
2.4. Resultados	49
2.5. Discussão.....	56
Conclusão geral da dissertação	60
Referências bibliográficas	66

Lista de tabelas

1. Evidências de validade do *Mate Value Inventory* (MVI-7) no Brasil

Tabela 1. Critérios Considerados na Decisão do Número de Fatores a Reter das Versões do MVI-7-BR 25

Tabela 2. Índices de Ajuste dos Modelos nas Análises Fatoriais Confirmatórias, Variâncias Explicadas e Fidedignidades 26

Tabela 3. Médias, Desvios Padrões e o Teste t de Welch com o Tamanho de Efeito d de Cohen para as Diferenças entre Homens e Mulheres nas Variáveis Acessadas 27

Tabela 4. Coeficientes de correlação r de Pearson entre as variáveis acessadas 28

2. Quanto valho nessa relação? Adaptação e evidências de validade do *Relational Mate Value Scale* (RMVS) no Brasil

Tabela 1. Critérios Considerados na Decisão do Número de Fatores a Reter das Versões do RMVS-BR 50

Tabela 2. Índices de Ajuste dos Modelos Testados nas Análises Fatoriais Confirmatórias e as Fidedignidades 51

Tabela 3. Médias, Desvios Padrões e o Teste t de Welch com o Tamanho de Efeito d de Cohen para as Diferenças entre Homens e Mulheres nas Variáveis Acessadas 52

Tabela 4. Coeficientes de correlação r de Pearson entre as variáveis acessadas 54

Introdução da dissertação

Por que certas características são tão atraentes em parceiros românticos em potencial? O que direciona o processo de seleção e manutenção de parceiros amorosos nos humanos? Será que pessoas pouco atraentes em uma primeira impressão jamais conseguirão obter parceiros valiosos? Ao menos em parte, todas essas questões são respondidas pelo valor de companheiro. Esse construto complexo foi aplicado aos humanos pela primeira vez pelo antropólogo Donald Symons (Symons, 1987). Ele argumentou que, assim como os demais animais, os humanos também selecionam sexualmente certas características e comportamentos em parceiros potenciais por serem mais atraentes. Assim, características como atratividade física e habilidades de caça influenciaram o sucesso reprodutivo de nossos antepassados e moldaram nossas preferências atuais.

As sinalizações de valor reprodutivo estavam e ainda estão intimamente relacionadas à capacidade de adaptação, ou seja, sobrevivência e reprodução. Atualmente, sabe-se que as características de preferência de parceiro que indicam valor reprodutivo evoluíram formando um padrão de covariação transcultural, onde indivíduos altos em um atributo tendem a ser altos nos demais (Conroy-Beam, Roney et al., 2019). O impacto da seleção sexual na nossa espécie foi tanto que alguns pesquisadores chegaram a sustentar que ela constituiu o verdadeiro motor da evolução (Conroy-Beam, Roney et al., 2019).

Nesse sentido, o valor de companheiro nada mais é que a percepção geral e quase automática que fazemos sobre um conjunto de atributos que torna alguém atraente para um relacionamento amoroso (Conroy-Beam et al., 2016; Sugiyama, 2015). Dessa forma, indivíduos de alto valor são mais cobiçados, possuindo maior poder para bargahar parceiros consensualmente desejáveis. De fato, parece que as pessoas tendem a se unir e se estabilizar com outras de valor similar (Conroy-Beam, 2015). Mas isso não quer dizer que os sexos buscam os mesmos atributos, pois existe uma acentuada assimetria nas preferências de gênero (Conroy-Beam, Buss et al., 2019).

Quando há fortes discrepâncias no valor, desfechos importantes para os relacionamentos amorosos podem ser afetados, como a satisfação com o

relacionamento e comportamentos de retenção custosos ou benéficos de parceiros (Conroy-Beam et al., 2016). E não só nas discrepâncias entre os parceiros, mas também dissimilaridades na comparação com outros parceiros potenciais, concorrentes e com o parceiro ideal imaginário (Conroy-Beam et al., 2016). Possivelmente, as discrepâncias também afetam a decisão de terminar e as estratégias de dissolução.

Mas essa forma de entender o valor de companheiro não veio acompanhada de um consenso na literatura sobre sua definição teórica e operacional (Csajbók et al., 2023). Ao longo dos anos surgiram dezenas de escalas que foram agrupadas em quatro abordagens teórico-metodológicas: holística, dimensional geral, dimensional e por *proxy*. A abordagem holística mede o produto final do complexo algoritmo mental que unifica as avaliações das características desejáveis. As abordagens dimensionais acessam o valor de companheiro incitando os respondentes a refletirem sobre uma lista de características. A diferença entre elas é que a dimensional geral mensura essas características em bloco e produz um fator geral. Já dimensional avalia uma a uma, podendo gerar vários fatores ou não. Enquanto a por *proxy* utiliza uma característica objetiva como sinalizadora do valor. Por exemplo, a relação cintura-quadril em mulheres.

Consultando a literatura, verifica-se que a abordagem dimensional tem sido utilizada em muitas investigações empíricas. Dentre os instrumentos existentes, o *Mate Value Inventory-7* (MVI-7; Kirsner et al., 2003) tem se destacado por sua abrangência, simplicidade e poder preditivo. Inclusive, já foi adaptado para mais de oito países e continua sendo utilizado em pesquisas científicas, mesmo após 20 anos de sua criação (e.g., Bhogal et al., 2024; Figueredo et al., 2018; Tapia-Fonllem et al., 2024). Um estudo traduziu e utilizou o MVI-7 numa amostra brasileira para investigar sua relação com emoções negativas pós-coito, mas sem apresentar suas evidências de validade (Fernandes et al., 2016). E não foram encontrados outros estudos nacionais utilizando o MVI-7.

Mas recentemente, encontraram evidências de que o valor de companheiro também é diádico, indicando um parceiro altamente compatível no decurso de um relacionamento de longo prazo (Eastwick & Hunt, 2014). Assim, um companheiro valioso no mercado do amor seria aquele que efetivamente proporciona um relacionamento de alta qualidade de forma única, acima de qualquer outro parceiro potencial. Para acessar esse valor relacional, desenvolveu-se o *Relational Mate*

Value Scale (RMVS, Eastwick & Hunt, 2014). Seus itens foram derivados das literaturas de relacionamentos amorosos e percepção social e medem percepções sobre a qualidade de um parceiro para o respondente. Assim, esse instrumento se insere na abordagem teórico-metodológica dimensional. Contudo, com uma perspectiva totalmente inovadora. Esse instrumento ainda não foi adaptado para o contexto brasileiro.

De fato, descobriu-se que o consenso inicial sobre a desejabilidade de um potencial parceiro tende a se desfazer ao longo de sucessivas interações, abrindo espaço para um valor único ou singular (Eastwick & Hunt, 2014). Na tentativa de organizar esses resultados aparentemente contraditórios, foi criada a Teoria da Avaliação do Companheiro (Eastwick et al., 2023). Ela propõe que o valor de companheiro seria derivado de uma combinação de avaliações universais, pessoais, preferenciais e únicas sobre um parceiro. Nessas avaliações, seriam consideradas características atraentes universalmente, sobre características consideradas valiosas para os potenciais parceiros em geral, sobre características que correspondem às expectativas de um parceiro em específico, sobre as interações pessoais únicas e experiências com o indivíduo avaliado.

No Brasil, à exceção do estudo que usou o MVI-7 (Fernandes et al., 2016), os poucos estudos que investigaram o valor de companheiro desenvolveram uma escala específica para a pesquisa. Contudo, elas enfocaram mensurar as características de preferência de parceiro e não o valor de companheiro propriamente (e. g., Castro et al., 2021; Castro et al., 2014; Hattori et al., 2013). E nenhuma pesquisa investigou o valor relacional de companheiro em contexto nacional. Sendo assim, a presente dissertação teve por objetivo adaptar o MVI-7 e o RMVS para o contexto brasileiro e buscar suas evidências de validade e indicadores de fidedignidade. O formato escolhido foi o de artigo, portanto, cada capítulo consiste em um artigo de adaptação das escalas.

1. Evidências de validade do *Mate Value Inventory* (MVI-7) no Brasil

Resumo

Características desejáveis em um parceiro romântico constituem o seu valor no mercado de acasalamento. Dos diversos instrumentos desenvolvidos para medir esse valor, o *Mate Value Inventory* (MVI-7) se destaca por sua abrangência, simplicidade e poder preditivo. Este estudo teve o objetivo de adaptar o MVI-7 para o contexto brasileiro e buscar evidências de sua validade e precisão. Participaram 2.198 adultos brasileiros, com média de idade de 27,7 anos ($DP = 9,5$) que responderam ao instrumento adaptado e outras medidas psicológicas. Realizaram-se análises fatoriais exploratórias e confirmatórias para investigar a estrutura interna, além de Correlações de Pearson para buscar evidências de validade convergente e concorrente. O MVI-7-BR apresentou estrutura unifatorial, relações positivas com autoestima e atratividade sexual, e negativas com os estilos de apego e desejo da homossexualidade. O instrumento adaptado obteve satisfatórias evidências de validade e precisão para o contexto brasileiro.

Palavras-chave

Valor de companheiro; acasalamento seletivo; relacionamento amoroso; mercado do amor; psicometria.

Abstract

Desirable characteristics in a romantic partner constitute their value in the mating market. Among the various instruments developed to measure this value, the Mate Value Inventory (MVI-7) stands out for its comprehensiveness, simplicity, and predictive power. This study aimed to adapt the MVI-7 to the Brazilian context and gather evidence of its validity and reliability. Participants included 2,198 Brazilian adults, with a mean age of 27.7 years ($SD = 9.5$), who responded to the adapted instrument and other psychological measures. Exploratory and confirmatory factor analyses were conducted to investigate the internal structure, along with Pearson correlations to gather evidence of convergent and concurrent validity. The MVI-7-BR exhibited a unifactorial structure, positive relationships with self-esteem and sexual attractiveness, and negative relationships with attachment styles and sociosexuality desire. The adapted instrument demonstrated satisfactory evidence of validity and reliability for the Brazilian context.

Keywords

Mate value; assortative mating; romantic relationship; mating market; psychometrics.

1.1. Introdução

O valor de companheiro pode ser definido como a desejabilidade geral de um indivíduo como parceiro romântico ou sexual para o seu conjunto de parceiros potenciais, que constituem o seu mercado do amor (Conroy-Beam et al., 2016; Sugiyama, 2015). A desejabilidade geral, por sua vez, na perspectiva evolucionista, pode ser entendida a partir das características de preferência de parceiro (Devenport et al., 2023; Eastwick et al., 2023). Essas características constituem atributos selecionados ao longo do ambiente de adaptação evolucionista que sinalizam maior capacidade de adaptação ao ambiente e sucesso reprodutivo (Buss & Barnes, 1986).

Assim, as avaliações sobre a intensidade com que essas características estão presentes em um indivíduo são integradas em uma percepção geral sobre o seu valor como companheiro (Conroy-Beam et al., 2019). Dessa forma, o valor de companheiro também pode ser conceituado como o conjunto de características morfológicas, fisiológicas e comportamentais avaliadas em parceiros românticos e competidores em potencial que influenciam nas estratégias de escolha de parceiros (Nöe & Hammerstein, 1995; Pawlowski & Dunbar, 1999).

Uma forma de acessar o valor de companheiro é por meio do *Mate Value Inventory* (MVI-7; Kirsner et al., 2003). Esse instrumento é amplamente utilizado em investigações psicológicas e evolucionistas até os dias atuais (e.g., Bhogal et al., 2024; Figueredo et al., 2018; Tapia-Fonllem et al., 2024). No contexto brasileiro, foi aplicado em um pesquisa sobre emoções negativas pós-coito (Fernandes et al., 2016). Entretanto, não há estudos mostrando suas propriedades psicométricas. Diante disso, este estudo teve o objetivo de buscar evidências de validade do MVI-7 para o contexto brasileiro e apresentar seus índices de fidedignidade.

O valor de companheiro faz analogia à lei de oferta e procura do mercado econômico para explicar o acasalamento seletivo (Noë & Hammerstein, 1995; Pereira et al., 2020; Walter et al., 2020). No mercado do amor os indivíduos equivalem simultaneamente a compradores e vendedores de suas características desejáveis, que são como produtos que barganham na negociação amorosa (Eastwick & Hunt, 2014; Kirsner et al., 2003). Assim, quanto mais dessas características possuírem, maior o poder de barganha e maior seu valor no mercado. Portanto, pessoas com alto valor de companheiro possuem mais condições de

escolher bons pretendentes e menor risco ao rejeitar os menos valiosos, pois, por serem mais desejáveis, dificilmente ficarão sem ofertas (Conroy-Beam, 2017; Conroy-Beam, Buss et al., 2019; Csajbók & Berkics, 2022).

Estudos anteriores identificaram as características de preferência que elevam o valor de companheiro no mercado do amor, por exemplo, saúde, beleza, inteligência, *status*, acesso a recursos, confiabilidade e cordialidade (para uma visão geral, ver Walter et al., 2020, 2021). Embora ambos os sexos valorizem basicamente as mesmas características, parecem atribuir pesos diferentes a elas (Walter et al., 2020). Em suas estratégias de acasalamento de longo prazo, os homens priorizam sinais do valor reprodutivo feminino, como beleza e juventude, enquanto as mulheres priorizam *status* e acesso a recursos (Buss & Schmitt, 2019). Assim, a operacionalização do valor de companheiro pode necessitar de ajustes em razão do gênero. Porém, é preciso cuidado nas interpretações e generalizações dessas diferenças sexuais, pois as preferências de cada sexo não são taxativas (para uma visão geral, ver Hattori & Castro, 2017).

Para além do gênero, entender como características que compõem o valor de companheiro se relacionam com as variáveis sociodemográficas parece crucial para avançar a literatura da seleção de parceiros românticos de longo prazo (Devenport et al., 2023). Nesse sentido, as relações entre essas características e diferenças individuais, especialmente estilos de comunicação e de apego e orientação sociosexual, merecem investigações futuras (Devenport et al., 2023). Para isso, um instrumento capaz de acessar o valor de companheiro a partir de suas características constituintes é fundamental e existem algumas opções na literatura.

Um estudo transcultural revisou vinte medidas de valor de companheiro e identificou quatro abordagens teórico-metodológicas diferentes: holística, geral e dimensional, dimensional e por *proxy* (Csajbók et al., 2023). Os instrumentos divergem no número de itens, na quantidade de fatores e no custo para realizar a medição (Csajbók et al., 2023).

A primeira abordagem identificada diz respeito à autopercepção geral de quão desejável o indivíduo se avalia e acredita que é avaliado pelo sexo oposto (Edlund & Sagarin, 2014; Landolt et al., 1995; Sela et al., 2017). As medidas dessa abordagem são consideradas gerais ou holísticas, pois avaliam o valor global, sem mencionar características desejáveis específicas que tornam um companheiro valioso (Edlund & Sagarin, 2014). A segunda destaca a autopercepção em termos

gerais e dimensionais simultaneamente, levando o respondente a refletir sobre algumas características evolutivamente importantes, como atratividade física, ou sua desejabilidade geral para o mercado de curto e longo prazo (Brase & Guy, 2014; Conroy-Beam et al., 2019; Csajbók et al., 2023; Jonason et al., 2019, 2020). A terceira trata da autopercepção como somente dimensional, investigando a desejabilidade para diversas características importantes tanto a curto quanto a longo prazo, podendo ou não, ao fim, obter um valor geral (Csajbók & Berkics, 2017; Goodwin et al., 2012; Fisher et al., 2008; Kirsner et al., 2003; Regan, 1998). A quarta abordagem identificada diz respeito ao uso de algum *proxy* para inferir o valor de companheiro, por exemplo, algum fenótipo evolutivamente relevante, avaliado ora objetivamente, ora por avaliadores independentes (Buss & Shackelford, 2008; Clark, 2004; Feinberg, 2008; Fisher et al., 2008; Montoya, 2008; Pfluger et al., 2012; Singh, 2002).

A principal vantagem das escalas holísticas é poder acessar diretamente o valor de companheiro a despeito de seus elementos constituintes e da incerteza quanto ao complexo algoritmo mental que os unem (Brase & Guy, 2004). Por outro lado, abordar o valor de companheiro de forma dimensional revela o papel de características individuais desejáveis, como inteligência, atratividade física, saúde, atratividade a curto e longo prazo entre outras (e.g., Conroy-Beam, Buss et al., 2019; Fisher et al., 2008; Jonason et al., 2020) e de variáveis culturais e ambientais para o construto (Goodwin et al., 2012).

Nesse sentido, o *Mate Value Inventory* (MVI-7; Kirsner et al., 2003) tem se destacado no grupo dos instrumentos dimensionais devido a sua abrangência e poder preditivo. Essa escala corresponde a um *proxy* de um fator geral para a qualidade genética e estima o poder de barganha de uma pessoa no mercado do amor. Originalmente, Kirsner et al. (2003) criaram o MVI-11, que empregava uma escala de 11 pontos, indo de 0 (“baixo neste atributo”) a 10 (“alto neste atributo”), e continha 34 itens. Entretanto, após uma análise psicométrica preliminar, verificaram que os itens eram tão homogêneos que alguns poderiam ser descartados sem afetar o conteúdo e a confiabilidade da escala. Assim, chegaram à versão curta de 17 itens. Posteriormente, percebendo que os respondentes raramente usavam os primeiros cinco pontos, resolveram reduzi-la para sete pontos, criando o MVI-7.

Portanto, o MVI-7 possui 17 itens derivados da literatura evolucionista de acasalamento seletivo humano referentes a características que aumentam o valor de

alguém no mercado do amor. Cada item avalia uma característica social ou sexualmente desejável. Ao respondente é solicitado que relate quão bem os atributos se aplicam a si ou outra pessoa, real ou ideal, em uma escala de sete pontos, indo de -3 (“extremamente baixo nesta característica”) a +3 (“extremamente alto nesta característica”). A versão usada para avaliar outra pessoa conta com dois itens a mais (“...compartilha os seus valores” e “...compartilha os seus interesses”). A fidedignidade do MVI-7 autopercebido foi satisfatória, apresentando alfa de Cronbach igual a 0,86 (Kirsner et al., 2003).

O MVI-7 foi traduzido para o Brasil por Fernandes et al. (2016) em duas versões, valor autopercebido e valor do parceiro, com 17 e 19 itens, respectivamente, conforme estrutura do estudo original. Os itens foram traduzidos para o português por um pesquisador bilíngue, retraduzidos para o inglês por um segundo pesquisador bilíngue e, por fim, os ajustes necessários foram feitos por um falante nativo de inglês americano. A versão brasileira do MVI-7 apresentou consistência interna satisfatória em suas duas versões.

No mesmo estudo há a informação de que o instrumento foi adaptado para a Noruega, apresentando estrutura unifatorial e boa fidedignidade. Também foram encontrados estudos aplicando o MVI-7 em amostras da Austrália (Molloy & Wagstaff, 2021), Canadá (Fisher et al., 2008), Costa Rica (Figueredo et al., 2011), Hungria (Pordea et al., 2016), Reino Unido (Abed et al., 2012; Bhogal & Howman, 2018), Romênia (Burtăverde et al., 2021) e em uma amostra da Croácia e Irã (Hromatko et al., 2015), além de uma outra amostra Norueguesa (Botnen et al., 2018). Todos esses estudos indicaram a unidimensionalidade do instrumento e boa consistência interna, medida pelo alfa de Cronbach.

No que concerne a relações do valor de companheiro com outras variáveis, diferenças nos níveis dos traços de personalidade, como na atratividade sexual do modelo Sexy-7 (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000), podem afetar a desejabilidade geral. A atratividade sexual é um dos sete descritores sexuais da personalidade e diz respeito a quanto um indivíduo desperta interesse sexual nas outras pessoas, no geral, em função de sua atratividade física, faceta Beleza, ou comportamentos sedutores, faceta Sedução.

Pessoas com altos níveis de atratividade sexual são percebidas como mais fisicamente bonitas e exercem maior atração com o propósito de iniciar um relacionamento amoroso e, por isso, podem apresentar maior sucesso na conquista

romântica (Gangestad & Simpson, 1990; Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000). Nenhum estudo testou a relação entre Beleza, Sedução e valor de companheiro. Porém, é teoricamente esperado que estejam relacionados dado que a atratividade física se mostrou uma característica relevante na escolha de parceiros (por exemplo, Conroy-Beam et al., 2019; Walter et al., 2020, 2021) e pessoas com alto valor podem gostar de seduzir devido ao maior poder de barganha.

O valor de companheiro está positivamente relacionado com a autoestima, sendo um de seus melhores preditores numa análise de regressão múltipla (Brase & Guy, 2004). Esses resultados se mantiveram em oito amostras de culturas ocidentais e orientais (Goodwin et al., 2012) e se estenderam às dimensões do valor de companheiro acessadas pelo *The Self-Perceived Mate Value Scale* (Fisher et al., 2017), com correlações mais fortes para os homens (Brase & Dillon, 2022). E para alguns pesquisadores, o valor de companheiro é considerado um componente da autoestima (Brase & Dillon, 2022; Schmitt & Jonason, 2019).

Estudos anteriores encontraram relação negativa entre apego ansioso e o valor de companheiro (Gillen et al., 2016) e positiva com a indesejabilidade geral como companheiro, mas curiosamente positiva com a atratividade como companheiro de longo prazo (Jonason & Bulyk, 2019). E o apego evitativo foi positivamente relacionado com a discrepância entre o valor de companheiro autopercebido e o valor de companheiro do parceiro (Bhogal & Howman, 2018).

Além disso, estudo realizado em uma amostra brasileira encontrou que indivíduos que se percebiam como parceiros mais valiosos relataram um número maior de parceiros sexuais no ano anterior e tinham atitudes mais favoráveis ao sexo casual (Nascimento et al., 2018). No sentido contrário, outro estudo revelou que o valor de companheiro acessado pelo MVI-7 correlacionou positivamente apenas com orientação de companheiro de longo prazo, ou seja, restrição sexual (Strouts et al., 2017). Por outro lado, uma meta-análise encontrou que o valor de companheiro autopercebido dos homens previu positivamente uma orientação sociosexual irrestrita, embora o tamanho total do efeito fosse pequeno (Arnocky et al., 2021).

1.2. Presente Estudo

Este estudo buscou evidências de validade da versão brasileira do *Mate Value*

Inventory (MVI-7-BR; Fernandes et al., 2016). Para tanto, buscou-se evidências baseadas na estrutura interna e nas relações com as variáveis atratividade sexual (*Sexy-7*), autoestima, apego, orientação sociosexual, gênero e idade.

1.3. Método

1.3.1. Participantes

Participaram 2.198 adultos brasileiros, com média de idade de 27,7 anos ($DP = 9,5$) de todas as regiões do Brasil, sendo 27,7% ($n = 608,8$) do Sudeste, constituindo a maioria. Dentre os participantes, 33,5% ($n = 736,5$) eram homens e 66,5%, ($n = 1461,5$) mulheres. Em relação à escolaridade, 72,3% ($n = 1.589,2$) dos participantes possuíam ensino superior. Além disso, entre os participantes válidos, 78,4% ($n = 410$) se declararam heterossexuais e 71,3% ($n = 373$) se identificaram como brancos.

1.3.2. Instrumentos

Utilizou-se um questionário on-line, disponibilizado em um endereço na *internet*. O questionário continha perguntas sociodemográficas sobre idade, estado em que reside, gênero, escolaridade, orientação sexual e etnia. Além disso, incluíram-se instrumentos para acessar o valor de companheiro autopercebido e do parceiro, a atratividade sexual, a autoestima, o apego e a orientação sociosexual, conforme descrição abaixo.

Versão brasileira do *Mate Value Inventory* – MVI-7-BR (Fernandes et al., 2016). O instrumento original foi criado por Kirsner et al. (2003) como uma revisão do MVI-11, que empregava uma escala de 11 pontos, para uma escala de sete pontos. Os pesquisadores também realizaram outras modificações na revisão. O MVI-7 foi traduzido e adaptado para o Brasil por Fernandes et al. (2016) e contém 19 itens, dois a mais que o inventário original, que são somados para um valor global de companheiro (e.g., “... tem ambição”). Cada item avalia uma característica social ou sexualmente desejável ao solicitar ao participante que relate quão bem os atributos se aplicam a si ou outra pessoa, em uma escala de sete pontos, indo de -3 (“extremamente baixo nesta característica”) a +3 (“extremamente alto nesta característica”). A versão brasileira do MVI-7 apresentou boa consistência interna (α de Cronbach igual a 0,77 para o autovalor e 0,89 para o valor do parceiro). Quanto maior a pontuação, maior o valor de companheiro.

Escala de Atratividade Sexual (Silva et al., 2023). A Escala de Atratividade Sexual é uma medida do tipo Likert com 14 itens contextualizados que afere o nível do traço de atratividade sexual de um indivíduo, um dos sete traços sexuais da personalidade (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000). Análises fatoriais exploratórias e confirmatórias revelaram uma estrutura de dois fatores e satisfatórios índices de confiabilidade, sendo o primeiro denominado Beleza, com oito itens (alfa de Cronbach igual a 0,87; e.g., “Acho que chamo atenção pela minha beleza”), e o segundo denominado Sedução, com seis itens (alfa de Cronbach igual a 0,89; e.g., “Adoro fazer com que as pessoas me desejem”). A escala apresentou boa estabilidade temporal no teste-reteste após 60 dias (r igual a 0,90 para Beleza e 0,85 para Sedução). Quanto maior a pontuação em Beleza mais o indivíduo se considera fisicamente atraente, enquanto níveis altos de Sedução indicam desejo e facilidade de atrair e conquistar pessoas.

Escala de Autoestima de Rosenberg – EAR (Hutz & Zanon, 2011; Hutz et al., 2014). Versão brasileira da *Rosenberg Self-Esteem Scale - RSES* (1965) para avaliar a autoestima global. A EAR possui 10 itens em forma de afirmações acerca da autoestima e da autoaceitação, que compõem uma estrutura unidimensional (alfa de Cronbach igual a 0,90; e.g., “Eu acho que eu tenho várias boas qualidades” e “Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo”). É respondido em uma escala tipo Likert de quatro pontos (1 = “Discordo totalmente”; 4 = “Concordo totalmente”). Quanto maior a pontuação, maior o nível de autoestima.

***Experiences in Close Relationship Scale – Reduzida - ECR-R-Brasil* (Natividade & Shiramizu, 2015).** Versão brasileira da *Experiences in Close Relationship Scale – Short Form* (Wei et al., 2007). Escala utilizada para medir o apego na população adulta. O instrumento contém 10 itens, que se dividem uniformemente entre os fatores “Ansiedade” e “Evitação”. Deve ser respondida em uma escala de concordância de sete pontos (1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”). Escores altos nesta medida indicam níveis mais elevados de apego ansioso e evitativo. O coeficiente alpha encontrado na medida original foi igual a 0,73 para ambas as dimensões. Alguns exemplos de itens são “Ajuda muito poder contar com meu(minha) parceiro(a) em momentos de necessidade” e “Eu fico preocupado quando meu(minha) parceiro(a) fica muito próximo afetivamente de mim”.

Escala de Orientação Sociosexual Revisada - SOI-R-Brasil (Natividade

et al., 2013). Versão adaptada da *Sociosexual Orientation Inventory Revised – SOI-R* (Penke & Asendorpf, 2008) para o contexto brasileiro. Trata-se de uma escala que afere diferenças individuais na permissividade à prática sexual em relacionamentos sem compromisso. Esse instrumento é composto por nove itens, três itens para cada um dos fatores da sociosexualidade: comportamento (alfa igual a 0,85), atitude (alfa igual a 0,85) e desejo (alfa igual a 0,89). Quanto maior a pontuação, mais sexualmente irrestrito o respondente é.

1.3.3. Procedimentos

De Coleta. Os participantes foram recrutados por meio de e-mails e convites em redes sociais (WhatsApp, Instagram, Facebook etc.) para responder ao questionário on-line disponibilizado na *internet*. Para iniciar o questionário, as pessoas deveriam consentir em participar da pesquisa voluntariamente, garantido o anonimato, declarar ter nacionalidade brasileira e, pelo menos, 18 anos de idade. Na primeira página do questionário estava disponível o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e informações gerais sobre o estudo.

De Análise. Inicialmente, procedeu-se à limpeza dos dados, excluindo-se os participantes que não responderam corretamente às perguntas-controle ou não completaram o questionário. Para buscar evidências de validade relacionadas à estrutura interna das versões brasileiras do *Mate Value Inventory* (MVI-7-BR; Fernandes et al., 2016), foram realizadas análises fatoriais exploratórias (AFE) e confirmatórias (AFC). Para tanto, a amostra foi dividida aleatoriamente em duas subamostras, uma para cada análise fatorial, evitando o *overfitting*. Essas análises foram conduzidas no *software* R, versão 4.4.1 (R Core Team, 2024) com os pacotes *psych*, versão 2.4.6 (Revelle, 2024), para as AFEs, e *lavaan*, versão 0.6.9 (Rosseel, 2012), para as AFCs. Para determinar o número de fatores, foram utilizados o método Hull (Lorenzo-Seva et al., 2011), a análise paralela (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011), o critério de Guttman-Kaiser e a inspeção visual do *Scree plot*. Os métodos foram implementados utilizando-se a matriz de correlação dos dados, extração *Principal Axis Factoring*, adequado a dados não normais, e rotação oblimin (Hair et al., 2009). Em seguida, foram conduzidas AFCs testando dois modelos para a versão autopercebida e dois para a versão do parceiro. Foi utilizado o estimador robusto *Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted* (WLSMV), indicado para dados ordinais. A adequação dos modelos foi avaliada por meio dos índices de ajuste *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA),

Comparative Fit Index (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI) e qui-quadrado. Conforme a literatura (Brown, 2015), valores de RMSEA devem ser menores que 0,08, com intervalo de confiança não atingindo 0,10 e valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90, sendo acima de 0,95 o ideal. A consistência interna foi mensurada pelos índices alfa de Cronbach e ômega de McDonald. Em seguida, o *software* JASP, versão 0.19.3 (JASP Team, 2025), foi utilizado para buscar as evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis. Foram feitas análises de correlação de Pearson entre o valor de companheiro autopercebido e do parceiro, os fatores da atratividade sexual, autoestima, os fatores do apego, os fatores da orientação homossexual e idade. Também foram conduzidos testes t de Welch para verificar diferenças de gênero entre os fatores acessados. Para realizar algumas análises, as médias de cada fator das escalas foram computadas. Quando o fator tinha algum item invertido, suas âncoras eram ajustadas para manter a direção crescente de traço latente. Dessa forma, foram obtidas duas médias para o instrumento de valor de companheiro, uma para o valor autopercebido e outra para o valor do parceiro, duas para a escala de atratividade sexual, uma para autoestima, duas para apego e três para orientação homossexual.

1.4. Resultados

Inicialmente, realizou-se uma AFE com os itens do MVI-7-BR em suas duas versões. O teste de esfericidade de Bartlett (autopercebido, $\chi^2 = 3371,1$ $gl = 136$, $p < 0,001$; parceiro, $\chi^2 = 1539,4$, $gl = 171$, $p < 0,001$) e a medida Kaiser-Meyer-Olkin (autopercebido, $KMO = 0,76$; parceiro, $KMO = 0,81$) sugeriram adequação da matriz de correlação dos dados e da amostra para as análises fatoriais. Os resultados dos procedimentos de retenção de fatores são apresentados na Tabela 1. Para a versão autopercebida, concluiu-se pelo critério teórico de um fator, solução mais parcimoniosa e coerente com os demais critérios. A extração do fator revelou cargas fatoriais acima de 0,30, a exceção dos itens 4, 5 e 6. Além disso, apresentou boa consistência interna, mesmo com a exclusão dos itens de carga baixa (Tabela 2). Já a versão do parceiro não apresentou uma solução clara, sendo psicometricamente plausível uma estrutura com até três fatores.

Tabela 1

Crêterios Considerados na Decisão do Número de Fatores a Reter das Versões do MVI-7-BR

Critério	MVI-7-BR autopercebido (<i>n</i> = 1.099)		MVI-7-BR parceiro (<i>n</i> = 204)	
	Número de fatores	Comentários	Número de fatores	Comentários
Método Hull	1	Não há ganhos significativos de ajuste do modelo com mais fatores.	3	Até três fatores há ganhos significativos de ajuste do modelo.
Análise Paralela	5	O quinto autovalor empírico está muito próximo do autovalor aleatório.	6	O quarto, quinto e sexto autovalores empíricos estão muito próximos dos autovalores aleatórios.
Kaiser	1	Apenas um autovalor está acima de um.	2	O segundo autovalor está muito próximo de um.
<i>Scree plot</i>	1 ou 2	Um ou dois autovalores estão acima da curva.	1 ou 2	Um ou dois autovalores estão acima da curva.
Teórico	1	Valor de companheiro.	1	Valor de companheiro.

Assim, foram verificadas as cargas fatoriais dos modelos. No modelo de três fatores os itens 17 e 18 apresentaram cargas inferiores a 0,30 e os itens 2, 3, 5, 10, 15 e 19 obtiveram cargas cruzadas, com diferenças de valores menores que 0,20. Após a exclusão desses itens cruzados, novas cargas cruzadas foram sucessivamente surgindo até que o modelo final restou desprovido de sentido. No modelo de dois fatores os itens 7, 17 e 18 ficaram sem carga, enquanto o item 3 teve carga cruzada com diferença inferior a 0,20. Após sua exclusão, o item 7 carregou no fator dois e o item 2 apresentou carga cruzada com diferença de 0,27, sendo mantido no fator um, onde teve maior carga. A fidedignidade dos dois fatores foi satisfatória (fator 1, $\alpha = 0,85$ $\omega = 0,85$; fator 2, $\alpha = 0,73$ $\omega = 0,74$). Por sua vez, o modelo de um fator apresentou cargas adequadas, a exce o dos itens 18 e 19, que carregaram abaixo de 0,30, além de boa fidedignidade (Tabela 2). Frente a dois modelos psicometricamente robustos, optou-se por seguir as análises com o modelo unifatorial, pois foi o modelo utilizado em todos os estudos anteriores com o MVI-7.

Após, foram realizadas as AFCs comparando os modelos unifatoriais com

todos os itens e sem os itens com baixa carga (Tabela 2). Todos os modelos obtiveram índices de ajustes adequados. Assim, optou-se por calcular as médias dos fatores considerando todos os itens, uma vez que os estudos anteriores com o MVI-7 não realizaram nenhuma exclusão. Dessa forma, facilita-se a comparação com os resultados encontrados transculturalmente.

Tabela 2

Índices de Ajuste dos Modelos nas Análises Fatoriais Confirmatórias, Variâncias Explicadas e Fidedignidades

	MVI-7-BR autopercebido ($n = 1099$)		MVI-7-BR parceiro ($n = 205$)	
	Um Fator (todos os itens)	Um Fator (14 itens)	Um Fator (todos os itens)	Um Fator (17 itens)
χ^2	500,6	307,7	407,0	384,9
gl	109	69	149	116
p	<0,001	<0,001	<0,001	<0,001
χ^2/gl	4,59	4,45	2,73	3,32
CFI	0,94	0,96	0,91	0,90
TLI	0,92	0,94	0,90	0,89
SRMR	0,05	0,05	0,09	0,10
RMSEA	0,06	0,06	0,09	0,11
IC90% RMSEA	0,05–0,06	0,05–0,06	0,08–0,10	0,10–0,12
Variância Explicada	0,17	0,20	0,27	0,30
α	0,75	0,76	0,86	0,87
ω	0,70	0,71	0,84	0,84

Nota. Estimador *Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted* (WLSMV)

Em função das diferenças encontradas entre as médias de homens e mulheres para alguns fatores acessados (Tabela 3) e considerando as assimetrias de gênero na avaliação das características do valor de companheiro, foram testadas correlações separadamente por gênero (Tabela 4). Encontraram-se correlações positivas entre o valor de companheiro autopercebido e o valor do parceiro, as facetas Beleza e Sedução da Atratividade Sexual, a autoestima e a idade. Verificaram-se correlações negativas com as dimensões do apego e com o fator desejo da homossexualidade. Destacaram-se as correlações do valor de companheiro autopercebido com o valor do parceiro, Beleza e autoestima, tanto para homens quanto para mulheres. Também se destacaram as correlações do valor de companheiro do parceiro com apego ansioso e evitativo para as mulheres e com apego evitativo para os homens. Em relação ao fator desejo da orientação homossexual, somente apresentou correlações significativas com as versões do valor de companheiro para os homens. Enquanto idade só correlacionou com o valor autopercebido das mulheres, porém com magnitude desprezível.

Tabela 3

Médias, Desvios Padrões e o Teste t de Welch com o Tamanho de Efeito d de Cohen para as Diferenças entre Homens e Mulheres nas Variáveis Acessadas

	Homens (n = 737)		Mulheres (n = 1.461)		t	d
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão		
1. Valor de Companheiro (autopercebido)	5,66	0,61	5,73	0,57	-2,63**	-0,12
2. Valor de Companheiro (parceiro)	6,03	0,65	6,02	0,70	0,15	0,01
3. Beleza	3,69	1,44	4,30	1,39	-4,56***	-0,42
4. Sedução	3,25	1,70	3,27	1,67	-0,12	-0,01
5. Autoestima	3,03	0,59	3,06	0,58	-0,65	-0,06
6. Apego Ansioso	3,95	1,33	4,08	1,40	-0,78	-0,09
7. Apego Evitativo	2,20	1,07	2,08	0,92	0,94	0,12
8. SOI Comportamento	3,77	2,28	3,07	1,94	2,64**	0,33
9. SOI Atitude	6,16	2,45	4,88	2,77	4,11***	0,49
10. SOI Desejo	4,07	2,37	2,72	1,72	5,07***	0,65
11. Idade	27,79	9,30	27,64	9,59	0,35	0,02

Nota. SOI = Orientação homossexual. ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

Tabela 4

Coefficientes de Correlação r de Pearson entre as Variáveis Acessadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. Valor de Companheiro (autopercebido)	-	0,41***	0,45***	0,12*	0,54***	-0,24***	-0,11	0,11	0,04	0,02	0,08**
2. Valor de Companheiro (parceiro)	0,34***	-	-0,01	-0,15*	0,10	-0,36***	-0,33***	0,05	0,06	-0,02	-0,11
3. Beleza	0,46***	0,15	-	0,62***	0,24***	0,03	-0,04	0,32***	0,25***	0,25***	-0,06
4. Sedução	0,19*	-0,12	0,62***	-	-0,02	0,26***	-0,01	0,22**	0,36***	0,41***	-0,16*
5. Autoestima	0,59***	0,16	0,32***	0,04	-	-0,32***	-0,11	-0,09	-0,04	-0,11	0,42***
6. Apego Ansioso	-0,07	-0,20	-0,03	0,19	-0,32**	-	0,03	0,03	-0,02	0,24***	-0,16*
7. Apego Evitativo	-0,29**	-0,48***	-0,09	0,05	-0,20*	0,02	-	0,08	-0,08	0,13	-0,05
8. SOI Comportamento	-0,01	-0,12	0,27**	0,36***	-0,04	0,10	0,17	-	0,51***	0,33***	0,14*
9. SOI Atitude	-0,16	-0,23	0,04	0,22*	-0,16	0,17	0,06	0,41***	-	0,34***	-0,07
10. SOI Desejo	-0,21*	-0,28*	0,06	0,37***	-0,13	0,13	0,13	0,43***	0,49***	-	-0,13
11. Idade	0,07	0,03	0,01	-0,02	0,29***	-0,07	0,02	0,25*	-0,01	0,19	-

Nota. Acima da diagonal principal são encontrados os coeficientes de correlação para as mulheres ($n = 1.461$) e abaixo, os coeficientes para os homens ($n = 737$); SOI = orientação homossexual; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

1.5. Discussão

O *Mate Value Inventory* - Brasil (MVI-7-BR; Fernandes et al., 2016) é um instrumento de autorrelato que acessa o valor de alguém como companheiro a partir da avaliação de diversas características derivadas da literatura evolucionista. Pode ser utilizado tanto para mensurar o próprio valor quanto o valor do parceiro. Níveis elevados sugerem alta desejabilidade no mercado do amor e, portanto, grande poder de barganha.

Este estudo de adaptação do MVI-7-BR para o contexto brasileiro encontrou qualidades psicométricas adequadas, satisfatórios índices de fidedignidade e boas evidências de validade. Embora haja a preocupação de que a variação idiomática possa vir a ser um limitador no processo da adaptação, esse instrumento brasileiro apresentou resultados de forma esperada, corroborando os estudos originais (Fernandes et al., 2016; Kirsner et al., 2003) e assemelhando-se aos estudos anteriores com amostras de outras culturas.

Como esperado teoricamente, a estrutura interna do MVI-7-BR foi unifatorial para as duas versões, solução mais adequada com base nos critérios de retenção, na parcimônia e na teoria. Na versão do parceiro, um modelo de dois fatores foi igualmente plausível, porém, optou-se pelo modelo unifatorial, vez que utilizado em todos os estudos transculturais. Assim, pretende-se facilitar comparações com resultados encontrados em outros países.

Sobre a exclusão de itens, verificou-se que as cargas fatoriais foram satisfatórias, exceto a dos itens 4, 5 e 6 da versão autopercebida e a dos itens 18 e 19 da versão do parceiro, que ficaram abaixo de 0,30. Entretanto, optou-se por manter todos os itens nas duas versões, pois as AFCs e os índices de fidedignidade indicaram robustez dos modelos independentemente da exclusão dos itens de carga baixa. Além disso, os estudos transculturais utilizaram todos os itens e excluí-los na versão brasileira poderia acarretar prejuízos em futuras comparações com os resultados obtidos nos outros países. Referente às consistências internas das versões do MVI-7-BR, elas foram tão satisfatórias quanto as encontradas nos estudos originais e em outros países. Isso corrobora a precisão do MVI-7 como instrumento transcultural para mensurar o valor de companheiro.

O valor de companheiro autopercebido se correlacionou com as demais variáveis como esperado teoricamente. Nesse sentido, apresentou correlações

positivas com as facetas Beleza e Sedução da Atratividade Sexual e com autoestima, para ambos os gêneros. E correlações negativas com apego ansioso entre as mulheres e com apego evitativo entre os homens. Ao contrário dos resultados de um estudo brasileiro (Nascimento et al., 2018), os fatores atitude e comportamento da orientação sociosexual não apresentaram correlações significativas. Porém, o fator desejo apresentou correlações negativas para os homens. O valor autopercebido ainda apresentou correlação positiva com idade entre as mulheres, contudo, o tamanho de efeito foi fraco. Em relação ao valor de companheiro do parceiro, apresentou correlação negativa com apego evitativo para ambos os gêneros e correlação negativa com apego ansioso apenas para as mulheres. Também apresentou correlação negativa com o fator desejo da orientação sociosexual, mas apenas para os homens. E teve correlação forte com o valor autopercebido, o que também era esperado.

A correlação positiva moderada com Beleza pode ser explicada considerando-se que a atratividade física e facial, duas características mensuradas pelo MVI-7-BR, possui considerável sobreposição teórica com a faceta Beleza. Já a correlação positiva com Sedução possivelmente resulta de um autoaprimoramento da impressão. Indivíduos mais sedutores provavelmente investem mais em transmitir uma boa imagem, que os tornem mais desejáveis. Por exemplo, através de treino físico para definir o corpo ou procedimentos estéticos para aumentar a percepção de juventude. Além disso, podem aprimorar táticas de conquista amorosa, como o uso romântico do humor ou demonstrações intencionais de inteligência. Ao fim, acabam elevando alguns de seus atributos no mercado do amor. Entretanto, é preciso cautela nesta interpretação, pois os tamanhos de efeito encontrados foram fracos.

A correlação positiva com autoestima já está bem documentada na literatura e em amostras transculturais (Brase & Dillon, 2022; Fisher et al., 2017; Goodwin et al., 2012). Inclusive, para alguns pesquisadores, o valor de companheiro pode também ser entendido como uma dimensão da autoestima global (Brase & Dillon, 2022; Schmitt & Jonason, 2019), e já se revelou o seu melhor preditor (Brase & Guy, 2004). Assim, este estudo corrobora os resultados de pesquisas anteriores, agregando relevante evidência de validade para o instrumento.

Os fatores do apego, por sua vez, correlacionaram-se negativamente com o valor de companheiro autopercebido. Apesar de esperado, ocorreram de formas

distintas para homens e mulheres, sendo negativa com apego ansioso para as mulheres e negativa com apego evitativo para os homens. Uma possível explicação pode ser derivada das Teorias do Investimento Parental Diferenciado e das Estratégias Sexuais. Devido ao maior investimento na prole, seja biológico ou emocional, os custos de reprodução das mulheres foi maior, o que as levou a se tornarem, em média, mais seletivas na busca por parceiros. Assim, mulheres tendem a seguir estratégias sexuais de longo prazo, valorizando o vínculo afetivo e o compromisso. Homens, por sua vez, por terem menor investimento e risco, tendem a seguir estratégias de curto prazo, importando-se menos com a intimidade emocional.

Assim, homens com altos níveis de evitação podem enfrentar maior dificuldade em lidar com a intimidade, desejando afastamento emocional e resistindo em demonstrar vulnerabilidade na relação. Dessa forma, é possível que internalizem uma avaliação negativa do mercado quanto ao seu valor de companheiro. Enquanto mulheres mais apego ansioso provavelmente demandam intimidade intensamente e são mais reativas a sinais de rejeição ou abandono. Esses comportamentos podem ser mal avaliados pelos parceiros potenciais, levando-as a se perceberem com menos valor. Ainda é possível que os estilos de apego impactem a autopercepção dos atributos de desejabilidade romântica diferentemente em homens e mulheres. Talvez nuances de como os comportamentos associados ao apego ansioso e evitativo se manifestam varie sutilmente por causa da interação com a cultura.

Referente às relações entre o próprio nível de apego e o valor do parceiro, os dados sugerem que níveis altos de evitação se relacionam com menor valor do parceiro em ambos os gêneros. Mas níveis elevados de apego ansioso só se relacionaram com menor valor do parceiro para as mulheres. Esses resultados também podem ser explicados a partir da lógica acima. O estilo de apego está afetando diferentemente a desejabilidade geral no mercado, levando homens e mulheres a obterem parceiros de menor valor. Assim, o apego inseguro parece desempenhar um papel prejudicial mais acentuado no acasalamento seletivo feminino do que no masculino.

Quanto às relações do valor de companheiro com a orientação sociosexual, o fator desejo correlacionou negativamente com os valores autopercebido e do parceiro, mas somente para os homens. Para as mulheres, não houveram correlações

significativas, talvez por terem apresentado médias inferiores nesse construto. Esses resultados foram parcialmente condizentes com os achados de Strouts et al. (2017), que encontrou correlação positiva do MVI-7 com restrição sexual, mas sem separar por gênero. Além disso, nos homens, o fator desejo apresentou correlações positivas expressivas com os outros dois fatores da sociossexualidade. Esses dados sugerem que os homens que fantasiam sobre sexo casual e ficam facilmente excitáveis na presença de pessoas desconhecidas ou com quem não possuem compromisso tendem a relatar mais sexo casual e menor percepção de valor de si e seus parceiros.

Provavelmente, maior sociossexualidade leva a menos fidelidade e lealdade nos relacionamentos, itens presentes no MVI-7-BR, impactando negativamente na avaliação do próprio valor e, por similaridade, no valor dos parceiros que conquistam. Afinal, estudos já mostraram que as pessoas tendem a se juntar com outras de mesmo valor (e.g., Conroy-Beam, Roney et al., 2019). Além disso, por tenderem a adotar estratégias sexuais de longo prazo, mulheres podem selecionar mais fortemente características de lealdade e fidelidade, mesmo para relacionamentos de curto prazo. Isso acarretaria em maior desejabilidade dos homens restritos.

No estudo atual foram encontradas diferenças entre homens e mulheres para o valor de companheiro autopercebido, contudo, o tamanho de efeito foi irrelevante. E não houve diferença de gênero para o valor do parceiro. Assim, em geral, não parece existir um viés de gênero na avaliação dos valores no mercado do amor.

O presente estudo apresenta propriedades psicométricas e evidências de validade de um instrumento que acessa o quanto um indivíduo percebe a si ou outra pessoa como valioso para ser um companheiro romântico. Nesse sentido, ele parte da avaliação de inúmeras características evolutivamente importantes para a escolha, manutenção e satisfação com o relacionamento, compondo um valor global de companheiro. Consistentemente com o estudo original, o de adaptação para o Brasil e os realizados em outras culturas, foram encontradas satisfatórias evidências de validade para a versão brasileira do *Mate Value Inventory* (MVI-7-BR).

Algumas direções futuras. Estudos anteriores não testaram relações entre o valor de companheiro e o apego adulto separadamente por gênero, sendo imprescindível que estudos futuros tentem replicar os resultados aqui encontrados. As relações com a orientação sociossexual carecem de mais estudos, visando um consenso transcultural na literatura. Além disso, estudos futuros podem investigar

uma versão reduzida do MVI-7-BR, inclusive testando novos itens. Também podem verificar até que ponto o MVI-7-BR se correlaciona com instrumentos de valor de companheiro que adotam uma perspectiva holística. Isto é, que acessam o produto final do complexo algoritmo mental que produz a percepção do valor, sem passar pela análise de várias características. Pois, ainda que as características de preferência de parceiro sejam as mesmas para homens e mulheres, o peso atribuído a elas é diferente para cada sexo (Fisman et al., 2006; Walter et al., 2020). Dessa forma, apesar do MVI-7 não considerar o peso dos itens, uma correlação alta com um instrumento holístico agregaria importante evidência de validade concorrente.

A definição teórica do valor de companheiro não é consenso na literatura (Csajbók et al., 2023), assim, sua operacionalização pode necessitar de ajustes, mesmo para este instrumento adaptado para o Brasil. Entretanto, o MVI-7-BR mostra-se útil para pesquisar, por exemplo, quais características do valor de companheiro são mais fortemente relatadas por homens e mulheres para diferentes perfis sociodemográficos. Também é útil para entender como o valor no mercado do amor se relaciona com diferenças individuais e pode ser impactado por mudanças contextuais, reais ou imaginárias. Ao calibrarem seu valor no mercado do amor, homens e mulheres podem obter maior poder de escolha e relacionamentos mais satisfatórios, selecionando e mantendo parceiros de alta qualidade.

2. Quanto valho nessa relação? Adaptação e evidências de validade do *Relational Mate Value Scale* (RMVS) no Brasil

Resumo

Características desejáveis em um parceiro romântico constituem o seu valor no mercado do amor. Dos diversos instrumentos desenvolvidos para medir esse valor, o *Relational Mate Value Scale* (RMVS) se destaca por sua abordagem teórica inovadora, capaz de acessar o valor único de um parceiro para o respondente. Este estudo teve o objetivo de adaptar esse instrumento para o contexto brasileiro e buscar evidências de sua validade e fidedignidade. Participaram 547 adultos brasileiros, com média de idade de 32,7 anos ($DP = 13,5$) que responderam ao instrumento adaptado e outras medidas psicológicas. Realizaram-se análises fatoriais exploratórias e confirmatórias para investigar a estrutura interna, além de correlações de Pearson para buscar evidências de validade convergente e concorrente. O RMVS-BR apresentou estrutura unifatorial, relações positivas com autoestima, beleza do traço atratividade sexual da Sexy-7 e empatia cognitiva e afetiva. E relações positivas também com amor e satisfação com o relacionamento e com as versões brasileiras do *Mate Value Inventory*. O instrumento adaptado obteve satisfatórias evidências de validade e precisão para o contexto brasileiro.

Palavras-chave

Valor de companheiro; valor relacional de companheiro; relacionamento amoroso; mercado do amor; psicometria.

Abstract

Desirable characteristics in a romantic partner constitute their value in the mating market. Among the various instruments developed to measure this value, the Relational Mate Value Scale (RMVS) stands out for its innovative theoretical approach, capable of assessing the unique value of a partner to the respondent. This study aimed to adapt this instrument to the Brazilian context and gather evidence of its validity and reliability. Participants included 547 Brazilian adults, with a mean age of 32.7 years ($SD = 13.5$), who responded to the adapted instrument and other psychological measures. Exploratory and confirmatory factor analyses were conducted to investigate the internal structure, along with Pearson correlations to gather evidence of convergent and concurrent validity. The RMVS-BR exhibited a unifactorial structure, positive relationships with self-esteem, trait beauty, sexual attractiveness from the Sexy-7, and cognitive and affective empathy. It also showed positive relationships with love and relationship satisfaction, as well as with the Brazilian versions of the Mate Value Inventory. The adapted instrument demonstrated satisfactory evidence of validity and reliability for the Brazilian context.

Keywords

Mate value; relational mate value; romantic relationship; mating market; psychometrics.

2.1. Introdução

O valor de companheiro é, provavelmente, o principal construto para entender a seleção de parceiros românticos ou sexuais. Uma das razões reside na tendência dos indivíduos de desejar parceiros com o maior valor possível, mas geralmente estabelecerem relacionamento com parceiros românticos de valor semelhante ao próprio valor (Conroy-Beam, Roney et al., 2019). Além disso, também foi encontrado que discrepâncias entre os valores de companheiro autopercebido, do parceiro e de parceiros potenciais prediz a satisfação com o relacionamento (Conroy-Beam, Roney et al., 2019). Por exemplo, indivíduos ficaram satisfeitos com parceiros de maior valor que o deles independentemente de corresponderem às suas preferências. Enquanto aqueles que possuíam parceiros de menor valor que eles somente ficaram satisfeitos quando o parceiro atendia melhor suas preferências de companheiro do que os parceiros alternativos.

Recentemente, Eastwick et al. (2023) propuseram que o valor de companheiro no mercado do amor seria derivado de uma combinação de avaliações universais, pessoais, preferenciais e únicas sobre um parceiro. Nessas avaliações, seriam consideradas características atraentes universalmente, sobre características consideradas valiosas para os potenciais parceiros em geral, sobre características que correspondem às expectativas de um parceiro em específico, sobre as interações pessoais únicas e experiências com o indivíduo avaliado. Essa forma abrangente de compreender o valor de companheiro foi operacionalizada no *Relational Mate Value Scale* (RMVS; Eastwick & Hunt, 2014).

Mas quando foi aplicado ao acasalamento seletivo humano pela primeira vez, em 1987, o valor de companheiro foi teorizado como o conjunto de características desejáveis intrínsecas aos indivíduos (Symons, 1987; Eastwick & Hunt, 2014). Nos anos seguintes, a literatura foi compreendendo que ele abrangeria características morfológicas, fisiológicas e comportamentais que sinalizam a desejabilidade geral de um indivíduo no mercado do amor e influencia suas estratégias de escolha de parceiros (Conroy-Beam et al., 2016; Nöe & Hammerstein, 1995; Pawlowski & Dunbar, 1999; Sugiyama, 2015). Consequentemente, algumas pessoas possuíam mais valor que outras, obtendo maior sucesso reprodutivo (Waynforth, 2001) e de acasalamento (Kirsner et al., 2003). Entretanto, essa conceitualização parece incompleta, pois não considera seu possível papel diádico (Eastwick & Hunt,

2014). Aliás, o construto enfrenta desafios não só em sua definição teórica, mas também em sua operacionalização (Csajbók et al., 2023; Kirsner et al., 2003).

Assim, ao longo do tempo pesquisadores desenvolveram diversas medidas para acessar o valor de companheiro. Os instrumentos divergiram no número de itens, na quantidade de fatores e no custo para realizar a medição (Csajbók et al., 2023). Um estudo transcultural revisou vinte medidas de valor de companheiro e identificou quatro abordagens teórico-metodológicas diferentes (Csajbók et al., 2023).

A primeira abordagem identificada dizia respeito à autopercepção geral de quão desejável o indivíduo se avalia e acredita que é avaliado pelo sexo oposto. As medidas dessa abordagem são consideradas holísticas, pois avaliam o valor global, sem mencionar características desejáveis específicas que tornam um companheiro valioso. A segunda destacava a autopercepção em termos gerais e dimensionais simultaneamente, levando o respondente a refletir sobre algumas características evolutivamente importantes, como atratividade física, ou sua desejabilidade geral para o mercado de curto e longo. A terceira trata da autopercepção como somente dimensional, investigando a desejabilidade para diversas características importantes tanto a curto quanto a longo prazo, podendo ou não, ao fim, obter um valor geral. A quarta abordagem identificada diz respeito ao uso de algum intermediário para inferir o valor de companheiro, por exemplo, algum fenótipo evolutivamente relevante, avaliado ora objetivamente, ora por avaliadores independentes.

Embora haja diversas medidas de valor do companheiro, todas derivaram o conteúdo dos itens diretamente da literatura evolucionista e de troca social (Eastwick & Hunt, 2014). Entretanto, incorporar a opinião leiga das pessoas sobre o que torna um companheiro valioso para um relacionamento permitiria uma representação mais fiel de como as pessoas se avaliam, adicionando novos *insights* para o construto. Assim, Eastwick e Hunt (2014) conduziram um estudo inicial de pergunta aberta visando o desenvolvimento de um novo instrumento, que veio a ser o RMVS.

As respostas dos participantes foram condizentes tanto com uma perspectiva baseada em atributos evolutivos e de troca social quanto com as variáveis das literaturas de relacionamentos íntimos e percepção social. Os pesquisadores agruparam os conteúdos evolucionistas e de troca social, que apelidaram de

perspectiva clássica, nas categorias vitalidade/atratividade, *status*/recursos e popularidade. Os demais conteúdos, denominados de perspectiva relacional, foram agrupados nas categorias de qualidade do relacionamento, conceitos do modelo de relações sociais, outros traços comuns e outros conceitos comuns. Essa perspectiva considerou projeções específicas de qualidade do relacionamento, como satisfação, intimidade, comprometimento, amor entre outras. Dessa forma, o RMVS inaugurou uma nova etapa para o entendimento do valor de companheiro, permitindo novas investigações empíricas.

No mesmo artigo, os pesquisadores descobriram que o valor de companheiro de alguém só é estável e semelhante a um traço no contexto de primeiras impressões, onde há um consenso sobre a desejabilidade geral. Porém, após sucessivas interações, o consenso se dilui abrindo espaço para avaliações singulares, ou seja, para a desejabilidade específica ou apelo único que as pessoas têm em suas relações diádicas. Assim, essa escala se destaca entre as dezenas existentes na literatura, pois foi projetada para acessar o valor de companheiro para além do consenso, medindo também as avaliações singulares que os indivíduos fazem de seus parceiros amorosos para si. Ou ainda, o valor relacional autopercebido para o parceiro.

O RMVS é composto por 14 itens divididos igualmente em dois fatores, Satisfação e Valores/Respeito, que apresentaram consistência interna satisfatória. Integra a abordagem teórico-metodológica dimensional, com o diferencial de destacar os atributos de qualidade do relacionamento. O RMVS foi traduzido e utilizado no Irã, onde apresentou a mesma estrutura da versão original, com os mesmos itens e boa precisão (Babaeizad et al., 2022). Contudo, no contexto brasileiro não foram encontrados estudos de adaptação desse instrumento. Diante disso, este estudo teve o objetivo de buscar evidências de validade do RMVS para o contexto brasileiro e apresentar seus índices de fidedignidade.

2.1.1. Valor de companheiro e autoestima

A autoestima é o componente afetivo do autoconceito e costuma ser definida pelo valor que as pessoas atribuem a si mesmas, ou seja, o quanto se percebem como boas, bem-sucedidas e capazes (Baumeister et al., 2003; Kernis, 2005). Níveis elevados indicam uma avaliação global favorável de si mesmo, enquanto níveis baixos refletem uma avaliação desfavorável. A autoestima tende a ser estável ao longo da vida e em diversos contextos (Hutz & Zanon, 2011). Apresenta relações

positivas com satisfação com a vida, ajustamento emocional, estratégias adequadas de *coping*, humor positivo, percepção de eficácia, habilidades sociais e bem-estar (Diener & Diener, 1995; Hewitt, 2009; Kernis, 2005).

O valor de companheiro autopercebido está positivamente correlacionado com a autoestima global e foi um dos melhores preditores da autoestima numa análise de regressão múltipla (Brase & Guy, 2004). Esses resultados se mantiveram em oito amostras de culturas ocidentais e orientais, com correlações variando de $r = 0,23$ a $0,49$ (Goodwin et al., 2012) e se estenderam às dimensões do valor de companheiro acessadas pela *The Self-Perceived Mate Value Scale* (Fisher et al., 2017), com correlações mais fortes para os homens (Brase & Dillon, 2022). Assim, espera-se que também esteja positivamente correlacionada com o valor relacional de companheiro.

2.1.2. Valor de companheiro e empatia

A empatia pode ser entendida como a resposta emocional afetiva que decorre automaticamente de processos cognitivos superiores sobre a percepção e compreensão do estado emocional do outro, a quem se atribui a origem dessa emoção (Cuff et al., 2014). Portanto, a empatia é um construto multidimensional que engloba um componente afetivo e outro cognitivo (Reniers et al., 2011). O aspecto cognitivo refere-se à capacidade de inferir as emoções e pensamentos de alguém conforme um contexto específico. Já o afetivo compreende o compartilhamento de emoções, sentir-se preocupado e experimentar compaixão, piedade, solidariedade e simpatia pela dor alheia (Falcone et al., 2013). Contudo, pesquisadores encontraram evidências de um tipo de empatia afetiva caracterizada pela alegria sobre a dor do outro ou sentimento de irritação frente a sua felicidade, que nomearam de empatia afetiva dissonante (Vachon & Lynam, 2015).

Níveis altos de empatia estão associados a competência social, doação para caridade, comportamentos pró-sociais e inibição de comportamentos antissociais (Cecconello & Koller, 2000; Decety et al., 2016; Jolliffe & Farrington, 2004; Rameson et al., 2012; Rodriguez et al., 2018). Enquanto níveis baixos se relacionam com *bullying*, *cyberbullying*, agressividade e preconceito racial (Vachon et al., 2014; van Noorden et al., 2014; Zych, Baldry et al., 2019; Zych, Farrington & Ttofi, 2019). No âmbito dos relacionamentos românticos, a empatia apresenta correlação positiva com apego adulto seguro (Britton & Fuendeling, 2005; Mikulincer et al., 2005) e com satisfação conjugal (Ribeiro et al., 2011; Sardinha et

al., 2009). Esses resultados evidenciam o impacto da empatia nas relações sociais.

Assim, o nível de empatia de um indivíduo que está em um relacionamento amoroso afetará a sua própria capacidade de teorizar o estado emocional, atual ou futuro, do parceiro e implicará no grau de sensibilidade, compaixão e simpatia pelo outro, afetando seu comportamento de acolhimento e ajuda direcionado ao parceiro. Como esses comportamentos empáticos se correlacionam com variáveis relacionais, por exemplo, a satisfação com o relacionamento, é provável que o nível de empatia afete a avaliação do valor relacional de companheiro.

2.1.3. Valor de companheiro e satisfação com o relacionamento amoroso

A satisfação com o relacionamento amoroso é explicada pela teoria da troca social como a avaliação do custo-benefício do próprio relacionamento romântico (Rusbult, 1980). Parceiros satisfeitos avaliam que os benefícios obtidos com o seu relacionamento excedem os seus custos, atendendo ou superando as expectativas criadas. Quanto mais um relacionamento é eficaz em suprir as necessidades mais vitais de seus parceiros, maior a satisfação com ele (Rusbult et al., 1998).

Assim, essa satisfação é o estado psicológico de monitoramento dos custos e benefícios associados a um relacionamento romântico específico (Buss & Shackelford, 1997). Por outro lado, pode-se entender a satisfação com o relacionamento romântico como a atitude, isto é, a avaliação favorável ou desfavorável, que os parceiros têm frente ao seu relacionamento (Londero-Santos et al., 2021). E, na perspectiva da hipótese evolucionista do programa de coordenação, a satisfação é considerada uma emoção projetada para resolver o problema adaptativo de manter relacionamentos valiosos após sua formação inicial (Conroy-Beam et al., 2015).

Estudo anterior encontrou que indivíduos com parceiros de valor relativamente alto permaneceram satisfeitos independentemente do valor das alternativas disponíveis e dos parceiros corresponderem às suas preferências (Conroy-Beam et al., 2016). Contudo, quando o parceiro tem um valor relativamente baixo, a satisfação só permanece alta caso os parceiros alternativos sejam inadequados ou o parceiro real satisfaça mais as preferências de parceiro do que as demais opções do mercado do amor. Esses mesmos resultados referentes às qualidades das alternativas também foram encontrados em amostras da Croácia e Irã (Hromatko et al., 2015).

Investigando as relações entre satisfação com o relacionamento, valor de companheiro e estratégias de retenção de parceiro, encontrou-se que a satisfação é maior quanto mais semelhantes os parceiros são em seus níveis de valor de companheiro (Salkicevic et al., 2014). Parceiros de igual valor tendem a se esforçar igualmente para manter a relação, produzindo uma percepção de igualdade. Também foi encontrado que o valor de companheiro dos homens é um excelente preditor da satisfação entre as mulheres, independentemente dos comportamentos de retenção utilizados. Enquanto que entre os homens, o valor de companheiro autopercebido foi um melhor preditor de sua satisfação. Porém, essa relação é mediada pelo comportamento das mulheres.

Tanto os homens quanto as mulheres com menor valor de companheiro utilizam mais as táticas de retenção que infligem custos, reduzindo a satisfação, ao passo que homens e mulheres com alto valor empregam mais as táticas benéficas, aumentando a satisfação (Salkicevic et al., 2014). Essa exata relação entre valor de companheiro, estratégia de retenção e satisfação também foi encontrada numa amostra iraniana (Babaeizad et al. 2022).

Entretanto, um estudo transcultural que investigou variáveis preditoras da satisfação com o relacionamento em casais croatas e iranianos encontrou que o valor conjugal foi o principal preditor da satisfação, explicando entre 32% e 38% da variância (Hromatko et al., 2015). Valor conjugal consistia na avaliação que os respondentes fizeram do valor do parceiro como companheiro na relação romântica. Mas para os homens iranianos, nenhuma variável individualmente teve impacto significativo na predição da satisfação com o relacionamento, apesar de positivamente correlacionada.

Recentemente, outro estudo conduzido no Irã também encontrou essa relação positiva entre valor de companheiro e satisfação com o relacionamento em homens e mulheres (Babaeizad et al. 2022). Os resultados apoiam a hipótese de que os processos de formação de casais são universais e servem a uma função adaptativa (Hromatko et al., 2015).

2.1.4. Valor de companheiro e amor

A Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986, 1988, 1997) é, provavelmente, a abordagem para o estudo do amor que mais se destaca na literatura mundial. Uma pesquisa transcultural em 25 países, que incluiu culturas não WEIRDs e o Brasil, obteve resultados que corroboraram os pressupostos da teoria

e suas previsões, demonstrando sua universalidade (Sorokowski et al., 2020).

A Teoria propõe três componentes que formam os vértices de um triângulo: (a) intimidade que se refere a sentimentos de proximidade e conexão e reflete o aspecto emocional; (b) paixão que é motivacional e envolve atração física e sexual e o romance e reflete o aspecto comportamental; e (c) decisão/ compromisso que é a decisão de amar e o compromisso em manter o relacionamento no longo prazo, representando o aspecto cognitivo (Sternberg, 1986). As dimensões/vértices, combinados ou isoladamente, representam uma dentre as oito formas do amor. A ausência das três dimensões indica a ausência de amor ou amor vazio, enquanto a presença de todas revela o amor pleno ou consumado. Assim, quanto mais dimensões estiverem presentes, mais intenso é o amor (Sternberg, 1986, 1988).

O valor relacional de companheiro proposto por Eastwick e Hunt (2014) incorpora projeções específicas da qualidade do relacionamento no conceito de valor de companheiro, inclusive o de amor. Dessa forma, é previsto que estes dois construtos estejam teórica e empiricamente relacionados.

2.1.5. Valor de companheiro e o traço da atratividade sexual

O traço de atratividade sexual é um dos sete fatores explicativos das diferenças na sexualidade humana do modelo Sexy-7 (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000). Esse modelo surge da adoção do critério lexical para investigar as dimensões dos descritores sexuais da personalidade e se estariam ou não incluídos nos cinco grandes fatores da personalidade, uma vez que foram excluídos dos estudos lexicais iniciais ainda na fase de filtragem das palavras (Goldberg, 1992; Schmitt & Buss, 2000). Os resultados sugerem que o modelo dos cinco grandes fatores, apesar de abrangente, não captura todas as nuances da sexualidade humana, sendo relevante trabalhar com dimensões adicionais específicas da sexualidade (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000).

A atratividade sexual diz respeito a quanto um indivíduo desperta interesse sexual nas outras pessoas, no geral, em função de sua beleza física ou comportamentos sedutores. Pessoas com altos níveis de atratividade sexual são percebidas como mais fisicamente bonitas e exercem maior atração com o propósito de iniciar um relacionamento amoroso e, por isso, tendem a apresentar maior sucesso na conquista romântica (Gangestad & Simpson, 1990; Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000). Numa amostra brasileira, foi a dimensão sexual mais fortemente correlacionada com um dos cinco grandes fatores, apresentando

correlação positiva com extroversão (Natividade & Hutz, 2016).

Apesar de estudos anteriores não terem investigado a relação entre a atratividade sexual e o valor de companheiro, é teoricamente esperado que indivíduos com altos níveis de atratividade sexual sejam avaliados como mais valiosos, tanto em termos de desejabilidade geral, quanto para seus parceiros românticos. Isso porque essas pessoas são percebidas como fisicamente mais bonitas e beleza física é uma das variáveis que compõe o valor de companheiro desde o início do seu estudo em humanos (Symons, 1987). Além disso, beleza foi um dos principais preditores de interesse romântico (Olderbak et al., 2017) e segue relevante em pesquisas sobre valor de companheiro (por exemplo, Conroy-Beam et al., 2019; Walter et al., 2020, 2021).

2.2. Presente Estudo

Este estudo buscou adaptar o *Relational Mate Value Scale* (RMVS; Eastwick & Hunt, 2014) ao contexto brasileiro e buscar evidências de sua validade. Para tanto, buscou-se evidências baseadas na estrutura interna e nas relações com as variáveis valor de companheiro, desejabilidade de curto e longo prazo, autoestima, empatia, satisfação com o relacionamento, amor, atratividade sexual (Sexy-7) e gênero.

2.3. Método

2.3.1. Participantes

Participaram 547 adultos brasileiros com média de idade de 32,7 anos ($DP = 13,5$), moda igual a 21 anos, de todas as regiões do Brasil, sendo 74,4% ($n = 407$) do estado do Rio de Janeiro. Dentre os participantes, 32,4% ($n = 177$) eram homens, 66,9%, ($n = 366$) mulheres e 0,70% ($n = 4$) outro. Em relação à escolaridade, 86,3% ($n = 472$) possuía ensino superior completo ou incompleto. Além disso, 77,5% ($n = 424$) eram heterossexuais, 14,6% ($n = 80$) bissexuais, 7,13% ($n = 39$) homossexuais e 0,8% ($n = 4$) não se identificaram. Quanto a etnia, 71,2% ($n = 389$) se declararam brancos, 19,7% ($n = 108$) pardos, 7,31% ($n = 40$) pretos e 1,8% ($n = 10$) outro.

2.3.2. Instrumentos

Utilizou-se um questionário on-line, disponibilizado em um endereço na *internet*. O questionário continha perguntas sociodemográficas sobre idade, estado

em que reside, gênero, escolaridade, orientação sexual e etnia. Além disso, incluíram-se instrumentos para acessar o valor relacional de companheiro, o valor de companheiro, a desejabilidade de curto e longo prazo, a autoestima, empatia, satisfação com o relacionamento, amor e atratividade sexual (Sexy-7), conforme descritos a seguir.

Versão Brasileira do *Relational Mate Value Scale* – RMVS (Eastwick & Hunt, 2014). As versões da RMVS foram traduzidas e adaptadas para o contexto brasileiro neste estudo. O instrumento original foi criado por Eastwick e Hunt (2014) e possui 14 itens, sendo sete itens para o fator Satisfação (alfas de Cronbach acima de 0,93) e outros sete itens para o fator Valores/Respeito (alfas de Cronbach acima de 0,90). Os itens foram criados combinando os achados de um estudo de pergunta aberta sobre o que torna um companheiro valioso com as evidências da literatura evolucionista e de troca social acerca do valor de companheiro. É a única escala de valor de companheiro especificamente projetada para acessar o valor singular do outro para si. Possui uma versão que acessa o próprio valor relacional para o conjunto de parceiros passados, presentes ou futuros e outra que mensura o valor de companheiro do parceiro exclusivamente para o respondente. Deve ser respondido em uma escala de concordância de nove pontos, indo de 1 (“discordo totalmente”) a 9 (“concordo totalmente”). Pontuações mais altas indicam forte apelo único ou alto valor relacional de compaheiro.

Versão brasileira do *Mate Value Inventory* – MVI-7-BR (Fernandes et al., 2016). O instrumento original foi criado por Kirsner et al. (2003) como uma revisão do MVI-11, que empregava uma escala de 11 pontos, para uma escala de sete pontos. Os pesquisadores também realizaram outras modificações na revisão. O MVI-7 foi traduzido e adaptado para o Brasil por Fernandes et al. (2016) e contém 17 itens na versão autopercebida e 19 itens na versão do parceiro, que são somados para um valor global de companheiro (e.g., “... tem ambição”). Cada item avalia uma característica social ou sexualmente desejável ao solicitar ao participante que relate quão bem os atributos se aplicam a si ou outra pessoa, em uma escala de sete pontos, indo de -3 (“extremamente baixo nesta característica”) a +3 (“extremamente alto nesta característica”). A versão brasileira do MVI-7 apresentou boa consistência interna (alfa de Cronbach igual a 0,77 para o valor autopercebido e 0,89 para o valor do parceiro). Quanto maior a pontuação, maior o valor de companheiro.

Versão brasileira da *Short- and Long-Term Mate Desirability* (Csajbók et al., 2023). Esse instrumento foi desenvolvido em um estudo transcultural envolvendo o Brasil e outros 40 países para testar diferenças individuais em como os indivíduos percebem o próprio valor de companheiro para um relacionamento de curto ou longo prazo (Csajbók et al., 2023). A versão brasileira possui quatro itens e dois fatores, sendo dois itens para o fator Desejabilidade de Curto Prazo (e.g., “Se você estivesse solteiro(a), o quão fácil seria para você achar um(a) parceiro(a) de curto prazo para um romance?”) e dois itens para Desejabilidade de Longo Prazo (e.g., “Se você estivesse solteiro(a), o quão fácil seria para você achar um(a) potencial parceiro(a) para um relacionamento de longo prazo?”). Os participantes relatam a facilidade com que conseguem encontrar um companheiro de curto ou longo prazo numa escala de sete pontos, indo de 1 (“extremamente difícil”) a 7 (“extremamente fácil”). Quanto maior o escore, mais facilmente devem obter parceiros para relacionamentos de curto ou longo prazo.

Escala de Autoestima de Rosenberg – EAR (Hutz & Zanon, 2011; Hutz et al., 2014). Versão brasileira do *Rosenberg Self-Esteem Scale - RSES* (Rosenberg, 1965) para avaliar a autoestima global. A EAR possui 10 itens em forma de afirmações acerca da autoestima e da autoaceitação, que compõem uma estrutura unidimensional (alfa de Cronbach igual a 0,90; e.g., “Eu acho que eu tenho várias boas qualidades” e “Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo”). É respondido em uma escala tipo Likert de quatro pontos, indo de 1 (“Discordo totalmente”) a 4 (“Concordo totalmente”). Quanto maior a pontuação, maior o nível de autoestima.

Versão em português do Brasil da *Affective and Cognitive Measure of Empathy - ACME-BP* (Ellis et al., 2021). O *Affective and Cognitive Measure of Empathy* de Vachon e Lynam (2015) foi traduzido e adaptado para o Brasil por Ellis et al. (2021). Afere os níveis de empatia cognitiva e afetiva, destacando-se das outras escalas por discriminar a empatia afetiva ressonante (sentir a mesma emoção que os outros) da dissonante (sentir uma emoção oposta, como o prazer na dor dos outros ou a dor pelo prazer alheio). É composto por 36 itens do tipo Likert, sendo 12 itens para a dimensão Empatia Cognitiva (alfa de Cronbach igual a 0,90; e.g., “Eu consigo perceber quando alguém está com medo”), 12 itens para Empatia Afetiva Ressonante (alfa de Cronbach igual a 0,81; e.g., “Eu sinto prazer em fazer os outros felizes”) e outros 12 itens para Empatia Afetiva Dissonante (alfa de

Cronbach igual a 0,83; e.g., “Admito que sinto prazer em irritar outras pessoas”). Apresentou boa consistência interna geral (alfa de Cronbach igual a 0,90) e boa confiabilidade teste-reteste em 6 meses ($0.81 \leq \rho \leq 0.89$). Os itens são frases afirmativas para que os participantes respondam o quanto concordam com cada uma, em uma escala de cinco pontos, indo de 1 (“discordo totalmente”) a 5 (“concordo totalmente”). Maiores escores indicam maiores níveis de empatia.

Versão Revisada da Escala do Nível de Satisfação com o Relacionamento Amoroso – ENSRA-R (Londero-Santos et al., 2021). A escala contém cinco itens em um fator geral (alfa de Cronbach igual a 0,91 e ômega de McDonald's igual a 0,90; e.g., “Nosso relacionamento me faz feliz”). Os itens são em formato de afirmativas para serem respondidos numa escala de concordância de nove pontos, indo de 0 (“discordo completamente”) a 8 (“concordo completamente”). Quanto maior o escore, maior o nível de satisfação com o relacionamento.

Escala Triangular do Amor de Sternberg Reduzida - ETAS-R (Cassepp-Borges & Pasquali, 2014). A ETAS-R é a versão reduzida da Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS), traduzida e adaptada para o contexto brasileiro por Cassepp-Borges e Teodoro (2007). A ETAS-R contém 20 itens, sendo sete itens para a dimensão Intimidade (alfa de Cronbach igual a 0,92; e.g., “Eu me comunico bem com ___.”), sete itens para Decisão/Compromisso (alfa de Cronbach igual a 0,91; e.g., “___ pode contar comigo quando tiver necessidade.”) e seis itens para Paixão (alfa de Cronbach igual a 0,88; e.g., “Eu gosto muito do contato físico com ___.”). Os itens devem ser respondidos numa escala tipo Likert de nove pontos, onde a âncora 1 é “nada”, a 5 é “moderadamente” e a 9 é “extremamente”. Os espaços em branco são completados com o nome da pessoa amada. Um fator geral de segunda ordem indica o nível global de amor (alfa de Cronbach igual a 0,94). Quanto maior o escore, maiores os níveis de intimidade, paixão, decisão/compromisso e amor pelo parceiro romântico.

Escala de Atratividade Sexual (Silva et al., 2023). A Escala de Atratividade Sexual é uma medida do tipo Likert com 14 itens contextualizados. Afere o nível do traço de atratividade sexual de um indivíduo, um dos sete traços sexuais da personalidade (Natividade & Hutz, 2016; Schmitt & Buss, 2000). Análises fatoriais exploratórias e confirmatórias revelaram uma estrutura de dois fatores e satisfatórios índices de confiabilidade, sendo o primeiro denominado Beleza, com oito itens (alfa de Cronbach igual a 0,87; e.g., “Acho que chamo atenção pela minha

beleza”), e o segundo denominado Sedução, com seis itens (alfa de Cronbach igual a 0,89; e.g., “Adoro fazer com que as pessoas me desejem”). A escala apresentou boa estabilidade temporal no teste-reteste após 60 dias ($r = 0,90$ para Beleza e $r = 0,85$ para Sedução). Quanto maior a pontuação em Beleza mais o indivíduo se considera fisicamente atraente, enquanto níveis altos de Sedução indicam desejo e facilidade de atrair e conquistar pessoas.

2.3.3. Procedimentos

De Coleta. Os participantes foram recrutados por meio de e-mails e convites em redes sociais (WhatsApp, Instagram, Facebook etc.) para responder ao questionário on-line disponibilizado na *internet*. Para iniciar o questionário, as pessoas deveriam consentir em participar da pesquisa voluntariamente, garantido o anonimato, declarar ter nacionalidade brasileira e, pelo menos, 18 anos de idade. Na primeira página do questionário estava disponível o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e informações gerais sobre o estudo.

De Tradução. Os itens das versões do *Relational Mate Value Scale* foram traduzidos independentemente por três pessoas bilíngues inglês-português. Depois, um pesquisador experiente em adaptação de instrumentos psicológicos comparou as diferentes traduções conjuntamente com o instrumento original em inglês e chegou a uma versão mais adequada dos itens. Possíveis dúvidas sobre as melhores versões para as traduções foram discutidas com um grupo de pesquisadores a fim de se obterem versões mais adequadas. Após a síntese da versão traduzida, foi solicitado a um pesquisador, que não participou das etapas anteriores, que fizesse a retrotradução. Essa versão em inglês foi comparada com a versão original. Foram feitos ajustes no conteúdo dos itens em português para garantir a similaridade com o original. Ao final, foi realizado um estudo-piloto sobre a clareza e compreensão dos itens.

De Análise. Inicialmente, procedeu-se à limpeza dos dados, excluindo-se os participantes que não responderam corretamente às perguntas-controle ou não completaram o questionário. Para buscar evidências de validade relacionadas à estrutura interna das versões brasileiras do *Relational Mate Value Scale* (RMVS-BR), foram realizadas análises fatoriais exploratórias (AFE) e confirmatórias (AFC). Para tanto, a amostra foi dividida aleatoriamente em duas subamostras, uma para cada análise fatorial, evitando o *overfitting*. Essas análises foram conduzidas no *software* R, versão 4.4.1 (R Core Team, 2024) com os pacotes *psych*, versão

2.4.6 (Revelle, 2024), para as AFEs, e lavaan, versão 0.6.9 (Rosseel, 2012), para as AFCs. Para determinar o número de fatores, foram utilizados o método Hull (Lorenzo-Seva et al., 2011), a análise paralela (Timmerman & Lorenzo-Seva, 2011), o critério de Guttman-Kaiser e a inspeção visual do *Scree plot*. Os métodos foram implementados utilizando-se a matriz de correlação dos dados, extração *Principal Axis Factoring*, adequado a dados não normais, e rotação Oblimin (Hair et al., 2009). Em seguida, foram conduzidas AFCs testando dois modelos para a versão autopercebida e dois para a versão do parceiro. Foi utilizado o estimador robusto *Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted* (WLSMV), indicado para dados ordinais. A adequação dos modelos foi avaliada por meio dos índices de ajuste *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI) e qui-quadrado. Conforme a literatura (Brown, 2015), valores de RMSEA devem ser menores que 0,08, com intervalo de confiança não atingindo 0,10 e valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90, sendo acima de 0,95 o ideal. A consistência interna foi mensurada pelos índices alfa de Cronbach e ômega de McDonald. Em seguida, o *software* JASP, versão 0.19.3 (JASP Team, 2025), foi utilizado para buscar as evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis. Foram feitas análises de correlação de Pearson entre o valor relacional de companheiro autopercebido e do parceiro, o valor de companheiro autopercebido e do parceiro, a desejabilidade de curto e longo prazo, autoestima, os fatores da empatia, satisfação com o relacionamento, os fatores do amor e os fatores da atratividade sexual. Também foram conduzidos testes t de Student para verificar diferenças de gênero entre os fatores acessados. Para realizar algumas análises, as médias de cada fator das escalas foram computadas. Quando o fator tinha algum item invertido, suas âncoras eram ajustadas para manter a direção crescente de traço latente. Dessa forma, foram obtidas duas médias para o instrumento de valor relacional de companheiro e duas para o de valor de companheiro, uma para a versão autopercebida e outra para a versão do parceiro, uma para desejabilidade de curto prazo e outra para de longo prazo, uma para autoestima, uma para satisfação com o relacionamento, quatro para amor e duas para atratividade sexual.

2.4. Resultados

Inicialmente, realizou-se uma AFE com os itens do RMVS-BR em suas duas

versões. O teste de esfericidade de Bartlett (autopercebido, $\chi^2 = 3029,4$ $gl = 91$, $p < 0,001$; parceiro, $\chi^2 = 1636,4$, $gl = 91$, $p < 0,001$) e a medida Kaiser-Meyer-Olkin (autopercebido, KMO = 0,90; parceiro, KMO = 0,91) sugeriram adequação da matriz de correlação dos dados e da amostra para as análises fatoriais. Os resultados dos procedimentos de retenção de fatores são apresentados na Tabela 1. Concluiu-se pelo critério teórico de um fator para ambas as versões, solução mais parcimoniosa e coerente com os demais critérios.

Tabela 1

Crítérios Considerados na Decisão do Número de Fatores a Reter das Versões do RMVS-BR

Critério	RMVS-BR autopercebido ($n = 274$)		RMVS-BR parceiro ($n = 151$)	
	Número de fatores	Comentários	Número de fatores	Comentários
Método Hull	1	Não há ganhos significativos de ajuste do modelo com mais fatores.	1	Não há ganhos significativos de ajuste do modelo com mais fatores.
Análise Paralela	4	O segundo, terceiro e quarto autovalores empíricos estão muito próximos dos autovalores aleatórios, sugerindo que são fracos.	1	Apenas um autovalor empírico está acima do autovalor aleatório.
Kaiser	1	Apenas um autovalor está acima de um.	1	Apenas um autovalor está acima de um.
<i>Scree plot</i>	1	Apenas um autovalor está acima da curva.	1	Apenas um autovalor está acima da curva.
Teórico	1 ou 2	Valor relacional geral ou Satisfação e Valores/Respeito.	1 ou 2	Valor relacional geral ou Satisfação e Valores/Respeito.

Na versão autopercebida, a extração do fator revelou cargas fatoriais acima de 0,30, variando de 0,83 a 0,51, com 44% de variância explicada. Já a versão do parceiro também obteve cargas acima de 0,30, variando de 0,87 a 0,52, com 57% de variância explicada. Além disso, apresentaram consistência interna satisfatórias (Tabela 2).

Após, foram realizadas AFCs comparando os modelos unifatoriais com o modelo de dois fatores encontrado no estudo original e na adaptação para o Irã (Tabela 2). Todos os modelos obtiveram índices de ajustes adequados. Contudo, observou-se um prejuízo na precisão dos modelos de dois fatores. Nesse sentido, o fator Valores/Respeito do instrumento autopercebido apresentou fidedignidades abaixo de 0,70. Assim, optou-se por prosseguir as análises com o modelo unifatorial.

Tabela 2

Índices de Ajuste dos Modelos Testados nas Análises Fatoriais Confirmatórias e as Fidedignidades

	RMVS-BR autopercebido ($n = 274$)		RMVS-BR parceiro ($n = 149$)	
	Um Fator	Dois Fatores	Um Fator	Dois Fatores
χ^2	244,7	175,2	176,2	169,1
gl	76	75	76	75
p	<0,001	<0,001	<0,001	<0,001
χ^2/gl	3,22	2,34	2,32	1,82
CFI	0,94	0,96	0,96	0,97
TLI	0,92	0,95	0,96	0,96
SRMR	0,08	0,06	0,08	0,07
RMSEA	0,09	0,07	0,09	0,09
IC90% RMSEA	0,08– 0,10	0,06–0,08	0,08– 0,11	0,07–0,11
α	0,82	Satisfação = 0,80 Valores/Respeito = 0,67	0,91	Satisfação = 0,86 Valores/Respeito = 0,82
ω	0,85	Satisfação = 0,83 Valores/Respeito = 0,67	0,89	Satisfação = 0,86 Valores/Respeito = 0,77

Nota. Estimador *Weighted Least Square Mean and Variance Adjusted* (WLSMV).

Em função das diferenças encontradas entre as médias de homens e mulheres para os fatores da empatia e o fator beleza (Tabela 3) e considerando as diferenças sexuais acerca do valor de companheiro, foram testadas correlações separadamente por gênero (Tabela 4). Encontraram-se correlações positivas entre o valor relacional de companheiro autopercebido e do parceiro com quase todas as variáveis, em

ambos os gêneros. Entre as mulheres, o valor autopercebido não correlacionou com desejabilidade de curto e longo prazo, beleza e sedução. Entre os homens não se verificaram correlações com empatia afetiva dissonante e sedução. Em relação ao valor relacional do parceiro, entre as mulheres não se verificaram correlações com desejabilidade de curto prazo, o valor de companheiro autopercebido, autoestima, os fatores da empatia e sedução. Para os homens verificaram-se correlações positivas com todas as variáveis, exceto empatia cognitiva e sedução. Não se verificaram correlações negativas, nem mesmo com empatia afetiva dissonante. Destacaram-se as correlações com amor, satisfação com o relacionamento e com os valores de companheiro.

Tabela 3

Médias, Desvios Padrões e o Teste t de Welch com o Tamanho de Efeito d de Cohen para as Diferenças entre Homens e Mulheres nas Variáveis Acessadas

	Homens (n = 177)		Mulheres (n = 366)		t	d
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão		
1. RMVS-BR autopercebido	7,83	1,08	7,99	0,87	-1,81	-0,17
2. RMVS-BR parceiro	4,59	4,16	4,38	4,13	0,56	0,05
3. Desej. Curto	3,98	1,76	3,88	1,78	-1,35	-0,13
4. Desej. Longo	2,77	1,53	2,51	1,44	0,26	0,03
5. MVI-7-BR autopercebido	5,67	0,70	5,75	0,53	0,66	0,06
6. MVI-7-BR parceiro	6,00	0,82	5,98	0,72	1,87	0,17
7. Autoestima	3,03	0,59	3,07	0,57	-0,72	-0,07
8. Emp. Cog.	3,60	0,72	3,85	0,64	-3,74***	-0,37
9. Emp. Afet. Res.	4,30	0,51	4,50	0,41	-4,34***	-0,44
10. Emp. Afet. Dis.	4,43	0,54	4,61	0,38	-3,93***	-0,40
11. Satis. Rel.	5,97	1,86	5,51	1,95	1,97	0,24
12. Amor	7,78	1,29	7,55	1,28	1,43	0,18
13. A.S. Beleza	3,48	1,64	4,11	1,64	-4,14***	-0,38
14. A.S. Sedução	3,25	1,71	3,28	1,66	-0,15	-0,11

Nota. RMVS-BR autopercebido = Valor Relacional de Companheiro Autopercebido; RMVS-BR parceiro = Valor Relacional de Companheiro do Parceiro; Desej. Curto = Desejabilidade de Curto Prazo; Desej. Longo =

Desejabilidade de Longo Prazo; MVI-7-BR autopercebido = Valor de Companheiro Autopercebido; MVI-7-BR parceiro = Valor de Companheiro do Parceiro; Emp. Cog. = Empatia Cognitiva; Emp. Afet. Res = Empatia Afetiva Resonante; Emp. Afet. Dis. = Empatia Afetiva Dissonante; Satis. Rel. = Satisfação com o Relacionamento; A.S. Beleza = faceta Beleza da Atratividade Sexual; A.S. Sedução = faceta Sedução da Atratividade Sexual. *** $p < 0,001$.

Tabela 4

Coefficientes de correlação r de Pearson entre as variáveis acessadas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
1. RMVS- BR autoper cebido	—	0,18***	0,05	0,09	0,31***	0,47***	0,14*	0,23***	0,22***	0,12*	0,38***	0,54***	0,07	-0,04
2. RMVS- BR parceiro	0,33***	—	0,09	0,24***	0,10	0,78***	0,06	-0,0002	-0,06	-0,002	0,78***	0,86***	0,17***	-0,03
3. Desej. Curto	0,19*	0,24**	—	0,35***	0,20**	-0,0005	0,03	0,18**	0,05	-0,05	-0,04	-0,01	0,38***	0,27***
4. Desej. Longo	0,21**	0,16*	0,40***	—	0,14**	0,002	0,14*	-0,002	0,04	0,002	0,04	0,007	0,16**	0,08
5. MVI- 7-BR autoper cebido	0,65***	0,29***	0,36***	0,28***	—	0,35***	0,52***	0,23***	0,26***	0,27***	0,14	0,20**	0,45***	0,12*
6. MVI- 7-BR parceiro	0,52***	0,88***	0,14	0,18	0,50***	—	0,09	-0,05	0,02	0,11	0,68***	0,73***	-0,007	-0,13

7. Autoestima	0,37***	0,30***	0,26**	0,30***	0,55***	0,35***	—	0,10	0,19***	0,28***	0,08	-0,02	0,24***	-0,02
8. Emp. Cog.	0,29***	0,14	0,37***	0,28**	0,36***	0,33***	0,26***	—	0,25***	0,007	-0,01	0,002	0,25***	0,10
9. Emp. Afet. Res.	0,28***	0,17*	0,15	0,09	0,29***	0,18	0,24**	0,34***	—	0,41***	0,01	0,05	0,10	0,03
10. Emp. Afet. Dis.	0,09	0,24**	0,14	0,17*	0,05	0,21*	0,31***	0,11	0,47***	—	-0,02	0,009	-0,04	0,26***
11. Satis. Rel.	0,51***	0,79***	-0,08	0,17	0,35***	0,607** *	0,28**	0,28**	0,18	0,09	—	0,80***	-0,09	-0,21**
12. Amor	0,62***	0,87***	-0,09	0,13	0,46***	0,80***	0,28**	0,39***	0,14	0,04	0,81***	—	-0,06	-0,12
13. A.S. Beleza	0,25***	0,28**	0,50***	0,27***	0,45***	0,26*	0,32***	0,36***	0,07	-0,08	0,10	0,14	—	0,61***
14. A.S. Sedução	0,11	-0,02	0,39***	0,17*	0,22**	-0,01	0,05	0,31***	0,09	-0,19*	-0,15	-0,09	0,62***	—

Nota. Acima da diagonal principal são encontrados os coeficientes de correlação para as mulheres ($n = 366$) e abaixo, os coeficientes para os homens ($n = 177$); * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

2.5. Discussão

O *Relational Mate Value Scale* - Brasil (RMVS-BR) é um instrumento de autorrelato que acessa o valor de companheiro, porém de forma relacional. O valor relacional de companheiro refere-se à extensão com que um indivíduo possui características que o tornam capaz de proporcionar um relacionamento romântico de alta qualidade para seu parceiro. Possui uma versão que mensura o valor do parceiro do respondente para ele e outra que mede o próprio valor relacional para o conjunto de parceiros passados, presentes ou futuros. Embora o valor de companheiro seja um construto bem conhecido na literatura, principalmente a evolucionista, o RMVS-BR buscar avançar seu entendimento e operacionalização no contexto brasileiro.

Foram encontradas satisfatórias evidências de validade para as versões do RMVS-BR baseadas na estrutura interna e na relação com outras variáveis. Nas duas versões, todos os critérios de retenção de fatores sugeriram o modelo unifatorial como a solução mais adequada, com cargas fatoriais acima de 0,50. Ainda que o estudo original e uma adaptação iraniana tenham encontrado a mesma estrutura de dois fatores, adotar um modelo de um fator parece não apenas parcimonioso como mais condizente com a definição teórica do valor relacional de companheiro. Nesse sentido, foram conduzidas AFCs comparando os modelos unifatoriais aos modelos de dois fatores. Os índices sugeriram ajustes ligeiramente melhores em favor do modelo de dois fatores, ainda que os ajustes do modelo unifatorial também tenham sido satisfatórios. Contudo, verificou-se elevada piora na precisão dos fatores, tendo o fator Valores/Respeito da versão autopercebida apresentado alfa e ômega abaixo de 0,70. Portanto, o modelo unifatorial foi mais robusto no geral. Cogitou-se testar um modelo com um fator de segunda ordem, porém eram necessários três fatores de primeira ordem para sua identificação (Kline, 2011).

Os índices de fidedignidade das versões do RMVS-BR foram similares aos índices das versões original e da adaptação iraniana. Os coeficientes alfa e ômega do RMVS-BR autopercebido ficaram abaixo da versão original, enquanto os do RMVS-BR do parceiro ficaram similares, porém todos acima de 0,70. Pode-se concluir que as versões adaptadas para o contexto brasileiro apresentaram satisfatórios indicadores de precisão. Assim, considera-se o RMVS-BR útil para ser

usado em pesquisas futuras ou na clínica como ferramenta de *insights* e autoconhecimento sobre o relacionamento amoroso do paciente.

Em relação às diferenças de gênero para os construtos acessados, encontraram-se diferenças significativas a favor das mulheres para os fatores da empatia e o fator beleza. Em virtude desses construtos estarem teoricamente vinculados ao valor relacional de companheiro, optou-se por conduzir correlações separadamente por gênero. Na busca por evidências de validade baseadas nas relações com outras variáveis, foram encontrados resultados no sentido esperado e alguns curiosos. Para a versão autopercebida encontraram-se correlações positivas com autoestima, empatia e beleza, excetuando-se empatia afetiva dissonante entre os homens, beleza entre as mulheres e sedução para ambos os gêneros. Enquanto que para a versão do parceiro foram encontradas correlações positivas com amor e com satisfação com o relacionamento. Especificamente sobre a validade concorrente, foram verificadas correlações positivas entre as duas versões da RMVS-BR com a desejabilidade de curto e longo prazo e com as versões do MVI-7-BR para os homens, mas somente algumas correlações para as mulheres.

Os resultados para a autoestima se alinham com estudos anteriores a respeito do valor de companheiro ser um preditor dela e talvez seu componente (Brase & Dillon, 2022; Brase & Guy, 2004; Schmitt & Jonason, 2019). Sobre a empatia, pessoas empáticas tendem a ser mais pró-sociais (Decety et al., 2016; Rodriguez et al., 2018), logo, podem se perceber como parceiros valiosos porque provavelmente engajam mais em comportamentos de apoio, acolhimento e validação emocional. E isso favorece a capacidade de proporcionar um relacionamento de alta qualidade. Porém, a relação com empatia dissonante para as mulheres chama a atenção, ainda que a magnitude seja fraca. Talvez a empatia dissonante nos homens se manifeste com comportamentos agressivos, mas nas mulheres se apresente mais sutilmente, como uma disposição para reagir, confrontar e contestar. Assim, frente a situações injustas, elas podem responder de forma mais socialmente desejável, favorecendo a percepção social de serem pessoas éticas e de bons valores, refletindo no aumento do valor relacional. Quanto ao fator beleza não correlacionar entre as mulheres, uma possível explicação reside no fato da atratividade física feminina ser mais fortemente selecionada pelos homens. Assim, mulheres bonitas podem ser alvos frequentes de investidas masculinas, recebendo propostas, presentes, elogios e cantadas de parceiros potenciais. No curso de um relacionamento comprometido de

longo prazo, a ação constante de concorrentes pode afetar a dinâmica do relacionamento, levando os homens a avaliarem mal a qualidade desse relacionamento e até desistindo dele. Por fim, não eram esperadas relações com o fator sedução, que de fato não foram observadas.

No tocante às relações entre o valor relacional do parceiro com a satisfação com o relacionamento e com o amor, foram verificadas correlações positivas fortes nos dois gêneros, conforme esperado teoricamente. Isso sugere que o valor único de alguém exerce forte impacto na satisfação, possivelmente até mais do que o valor de companheiro consensual, acessado pelo MVI-7-BR. Quanto ao amor, apesar de não constar na tabela de correlações, foram observadas relações positivas fortes também com os seus três fatores, intimidade, decisão e compromisso, tanto em homens quanto em mulheres. É plausível que essa relação seja bidirecional. Parceiros valiosos podem eliciar o desejo por mais intimidade e compromisso, além de despertar e manter a paixão por mais tempo, assim como o aprofundamento do amor pode aumentar a avaliação do valor relacional.

As relações positivas das versões do RMVS-BR com as do MVI-7-BR seguiram no sentido esperado, vez que ambas mensuram o mesmo construto, apesar das diferenças de enfoque. Ressalta-se que as correlações para o valor do parceiro foram acima de 0,70, sugerindo alta concorrência dos instrumentos. Por outro lado, para o valor autopercebido a força foi ligeiramente menor entre os homens e bem menor entre as mulheres. Novamente, verifica-se entre as mulheres um resultado diferente e curioso, sugerindo uma discrepância entre a autoavaliação de seus atributos de desejabilidade geral no mercado do amor e a autopercepção de sua desejabilidade específica para seu o conjunto de parceiros românticos.

Quanto a desejabilidade de curto e longo prazo, verificaram-se correlações positivas para os homens enquanto não houveram correlações para as mulheres. No entanto, para o MVI-7-BR autopercebido, elas ocorreram no sentido esperado. É possível que esses resultados sejam consequência da forte seleção masculina sobre a beleza das mulheres. Provavelmente, a facilidade feminina em atrair parceiros para relações casuais ou compromissadas é fortemente dependente de sua atratividade física, característica que pouco contribui para o seu valor único para um parceiro. Ainda assim, obteve-se importantes evidências de validade concorrente para ambos os instrumentos.

A seguir, algumas direções futuras. Sugere-se que esses resultados sejam replicados em amostras brasileiras com mais participantes das outras regiões do país, a fim de que a estrutura interna e as relações encontradas com outras variáveis sejam confirmadas. Análises de regressão linear podem investigar se há uma direcionalidade na relação entre valor relacional de companheiro e o amor e seus fatores. Além disso, seria útil uma revisão das escalas dimensionais de valor de companheiro com o objetivo de uniformizá-las teórica e operacionalmente, haja vista a inexistência de consenso sobre o que o construto é (Csajbók et al., 2023). Isso poderia levar ao desenvolvimento de melhores instrumentos.

O RMVS-BR obteve satisfatórias evidências de validade baseadas na estrutura interna e evidências convergentes e concorrentes. Assim, mostra-se confiável para compreender o papel das características de projeção de qualidade do relacionamento na percepção de valor de homens e mulheres no mercado do amor. Também se mostra útil para entender como o valor relacional se relaciona com diferenças individuais ou impacta desfechos amorosos importantes, como táticas de retenção de parceiro, estratégias de término de relacionamento e satisfação com o relacionamento.

Conclusão geral da dissertação

Bons instrumentos de medida são indispensáveis para a operacionalização dos construtos e avanço das pesquisas científicas, pois possibilitam a descoberta de evidências confiáveis e inovadoras. E para se obter boas medidas são necessários estudos psicométricos rigorosos e amostra adequada, seja para criação ou adaptação. Nesse sentido, a presente dissertação pretendeu adaptar e buscar as evidências de validade de duas escalas de valor de companheiro para o contexto brasileiro. O primeiro estudo partiu da versão brasileira do *Mate Value Inventory* (MVI-7-BR; Fernandes et al., 2016) para investigar suas propriedades psicométricas. O segundo estudo traduziu o *Relational Mate Value Scale* (RMVS, Eastwick & Hunt, 2014) para o português, conforme procedimento regular de tradução de instrumentos, e investigou sua estrutura interna e relações com outras variáveis. Foram encontradas satisfatórias evidências de validade e adequados índices de fidedignidade para ambas as escalas. A seguir, serão revisados os principais resultados da dissertação e apresentadas as limitações e possíveis direções futuras.

Tanto o MVI-7-BR quanto o RMVS-BR apresentaram estrutura interna unifatorial em suas duas versões, autopercebida e do parceiro. Para o MVI-7-BR, esse resultado era esperado e foi replicado em diversos estudos em outras culturas. Observou-se que uma estrutura de dois fatores na versão do parceiro era psicometricamente plausível, apesar de pouco parcimoniosa e menos condizente com a teoria. As cargas fatoriais foram adequadas, a exceção dos itens 4, 5 e 6 da versão autopercebida (respectivamente, “deseja ter filhos”, “é entusiasmado/muito interessado por sexo”, “é fiel em relacionamentos românticos”) e 18 e 19 da versão do parceiro (respectivamente, “deseja ter filhos” e “entusiasmado/muito interessado por sexo”), que ficaram abaixo de 0,30. Contudo, os índices de ajuste das análises fatoriais confirmatórias indicaram boa adequação dos modelos unifatoriais com todos os itens. Dessa forma, e considerando-se que as adaptações para outros contextos culturais não excluíram itens, optou-se por mantê-los. As fidedignidades, medidas pelo alfa de Cronbach e ômega de McDonald, foram satisfatórias.

Para o RMVS-BR esperava-se uma solução de dois fatores, tal qual o estudo

original e sua adaptação para o Irã. Entretanto, uma estrutura unifatorial está alinhada com a definição teórica do valor relacional de companheiro, sendo até mais parcimoniosa e interpretável. Afinal, o valor de companheiro é um construto que resume a desejabilidade de alguém por meio da combinação das avaliações de atributos que o compõe. Ainda assim, foram testados os ajustes dos modelos de dois fatores em comparação com os modelos unifatoriais, a fim de expurgar quaisquer dúvidas. Ambos apresentaram ajustes satisfatórios, com ligeira vantagem para o modelo de dois fatores. Entretanto, foi observada uma piora nas confiabilidades. Desse modo, optou-se por seguir com a estrutura unifatorial, que apresentou melhor robustez no geral. Nas duas versões todas as cargas fatoriais foram acima de 0,50.

As medidas também apresentaram as relações esperadas com outras variáveis. O MVI-7-BR correlacionou negativamente com os estilos de apego adulto e positivamente com autoestima e os fatores beleza e sedução da atratividade sexual do modelo Sexy-7. Mas o apego evitativo só correlacionou para os homens e o ansioso só para as mulheres. Essa diferença foi explicada à luz das Teorias do Investimento Parental Diferenciado e das Estratégias Sexuais. Em relação a orientação homossexual, a correlação negativa com o fator desejo entre os homens foi condizente com os achados de outro estudo (Strouts et al., 2017). No entanto, não foram observadas correlações entre as mulheres nem com os fatores comportamento e atitude da homossexualidade, que eram esperados. Foi discutido o provável papel de uma pressão seletiva feminina sobre a homossexualidade masculina, mesmo para curto prazo.

O RMVS-BR autopercebido correlacionou positivamente com autoestima, empatia cognitiva e empatia afetiva ressonante nos dois gêneros. A empatia afetiva dissonante e o fator beleza também apresentaram correlações positivas, mas aquela apenas entre as mulheres e esta só entre os homens. Esses resultados foram curiosos, pois a empatia dissonante está relacionada a comportamentos antissociais, enquanto a atratividade física é uma característica muito emblemática do valor de companheiro feminino. Foi discutido que a empatia dissonante nas mulheres pode estar associada a comportamentos de indignação e confrontação frente a injustiças, sendo percebidas pelo conjunto de parceiros como alguém ética e de bons valores. Sobre o fator beleza, aparentemente esse atributo não aumenta seu valor único em um relacionamento romântico. Possivelmente porque a beleza feminina pode atrair concorrência indesejada muito mais que a masculina, afetando a qualidade e

estabilidade do relacionamento. Consequentemente, diminuindo a avaliação do valor singular pelo seu conjunto de parceiros.

Para o RMVS-BR do parceiro foram verificadas correlações positivas fortes com amor e satisfação com o relacionamento. Todas acima de 0,70. Isso evidencia a importância do valor relacional de companheiro, ou seja, do valor único do parceiro para si, para a satisfação romântica. Inclusive, levando ao aumento da intimidade, paixão e compromisso. Embora a direção contrária, do amor estar afetando a percepção do valor relacional do parceiro, ter sido discutida como igualmente possível.

Também foram encontradas evidências de validade concorrente. As versões do MVI-7-BR e do RMVS-BR apresentaram correlações positivas fortes, sugerindo que medem o mesmo construto, apesar dos enfoques teóricos diferentes. No tocante às correlações com a desejabilidade de curto e longo prazo, verificaram-se correlações positivas com o MVI-7-BR autopercebido para os dois gêneros e com o RMVS-BR autopercebido somente para os homens. Esses resultados evidenciaram que o valor reprodutivo dos homens, mas não o das mulheres, indicaram alto valor relacional e facilidade em conquistar parceiras para um relacionamento de curto e longo prazo. Um alto valor de companheiro no mercado do amor tende a facilitar a “compra” de parceiros para um relacionamento de curto ou longo prazo. Mas a relação não significativa para as mulheres talvez seja consequência da preferência masculina por estratégias sexuais de curto prazo, fortemente centradas na beleza feminina. Uma mulher pode ser considerada valiosa quase que exclusivamente por ter atratividade física acima da média. Dessa forma, apresentar bons atributos de qualidade do relacionamento, porém com baixo valor reprodutivo não facilita o acesso delas a parceiros.

Os estudos conduzidos apresentam algumas limitações. As amostras contaram com somente um terço de participantes homens. Essa discrepância pode ter afetado, sobretudo, os resultados do segundo estudo, que obteve poucos homens. A quantidade de participantes na AFE e AFC do RMVS-BR do parceiro ficou abaixo de 200, mínimo necessário para a realização dessas análises (Pasquali, 1999). Em ambas as amostras não se obteve um número adequado e proporcional de participantes de todas as regiões e estados brasileiros. Além disso, foram amostras altamente escolarizadas, brancas e heterossexuais. Portanto, a baixa diversificação impõe cautela extra na generalização dos resultados para a população

brasileira.

Estudos futuros podem tentar superar as limitações supracitadas e tentar replicar os resultados aqui observados em novas amostras brasileiras. Sugere-se que novas investigações testem a direção da relação entre o valor relacional de companheiro e o amor e seus fatores. A relação do valor de companheiro com a orientação homossexual ainda requer mais evidências a fim de se construir um claro consenso na literatura. Incentiva-se uma revisão da literatura cobrindo as diversas definições e operacionalizações do valor de companheiro com o objetivo de uniformizar o campo de estudos. Considerando as diferenças de gênero encontradas, recomenda-se testar a invariância das medidas. Mas, principalmente, estudos futuros deveriam investigar a adequação do MVI-7-BR e do RMVS-BR a um construto formativo unifatorial ou que tenha fator único de segunda ordem.

O valor de companheiro apoia-se na analogia com o mercado econômico. Assim, as características de desejabilidade como parceiro romântico ou sexual são como produtos valiosos a serem barganhados pelo acesso aos atributos do outro. Sejam intrínsecos ou diádicos. E no campo econômico é comum os construtos serem formativos, ou seja, serem informados por seus indicadores (Diamantopoulos & Winklhofer, 2001). Portanto, devido a essa aproximação, faz sentido teórico que o valor de companheiro seja entendido como a consequência de seus indicadores e não sua causa.

Conclui-se que o construto do valor de companheiro é compatível tanto com uma definição baseada em traços evolutivamente desejáveis quanto com uma definição diádica. Mas ambas altamente sujeitas aos efeitos da percepção social e do contexto. Para unificar as duas perspectivas, foi criada a Teoria da Avaliação do Companheiro (Eastwick et al., 2023). Ela propõe que existem quatro “lentes” perceptivas para saber se um parceiro potencial é valioso como companheiro romântico ou sexual. No início do relacionamento, durante as primeiras interações, a desejabilidade recai sobre a avaliação de características intrínsecas mais ou menos universais. A medida que o relacionamento se aprofunda, outras características mais singularmente desejáveis e que não necessariamente resolvem problemas adaptativos passam a ser consideradas. Assim, um parceiro é valioso tanto por possuir características que são ou foram altamente adaptativas, quanto por ser o mais compatível possível, proporcionando um relacionamento qualitativamente único. Em resumo, o valor de companheiro é sobre a raridade com que um parceiro

potencial apresenta características desejáveis em relação aos outros parceiros.

Por fim, as versões do MVI-7-BR e do RMVS-BR apresentaram boas e suficientes evidências de validade para o contexto brasileiro. Foram obtidas evidências convergentes, concorrentes e baseadas na estrutura interna. Recomenda-se o uso do MVI-7-BR para acessar a porção do valor de companheiro referente às características evolutivamente desejáveis, que sinalizam valor reprodutivo. Enquanto o RMVS-BR é adequado quando o objetivo for mensurar a porção relacional do valor de companheiro, que indica alta compatibilidade e qualidade quando comparado a outros relacionamentos. Espera-se que a adaptação desses instrumentos contribua para o fomento de novas pesquisas sobre e acasalamento seletivo e relacionamentos amorosos, enriquecendo a literatura nacional e internacional.

Referências bibliográficas

- Abed, R., Mehta, S., Figueredo, A. J., Aldridge, S., Balson, H., Meyer, C., & Palmer, R. (2012). Eating disorders and intrasexual competition: Testing an evolutionary hypothesis among young women. *The Scientific World Journal*, 2012, 1–8. <https://doi.org/10.1100/2012/290813>.
- Arnocky, S., Desrochers, J., Rotella, A., Albert, G., Hodges-Simeon, C., Locke, A., Belanger, J., Lynch, D., & Kelly, B. (2021). Men's mate value correlates with a less restricted sociosexual orientation: A meta-analysis. *Archives of Sexual Behavior*, 50, 3663–3673. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-01937-6>.
- Babaeizad, A., Fallahchai, R., & Abbasnejad, T. (2022). Mate-value and relationship satisfaction: The moderating roles of mate retention behaviors. *Plos One*, 17(1), Artigo e0262154. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0262154>.
- Baumeister, R. F., Campbell, J. D., Krueger, J. I., & Vohs, K. D. (2003). Does high self-esteem cause better performance, interpersonal success, happiness, or healthier lifestyles? *Psychological Science in the Public Interest*, 4(1), 1–44. <https://doi.org/10.1111/1529-1006.01431>.
- Bhagal, M. S., Owen, A. L., & Rhead, C. (2024). The role of self-perceived mate value and intrasexual competitiveness in tanning behavior. *Evolutionary Behavioral Sciences*. <https://doi.org/10.1037/ebs0000357>.
- Bhagal, M. S., & Howman, J. M. (2018). Mate value discrepancy and attachment anxiety predict the perpetration of digital dating abuse. *Evolutionary Psychological Science*, 5(1), 113–120. <https://doi.org/10.1007/s40806-018-0172-6>.
- Botnen, E. O., Bendixen, M., Grøntvedt, T. V., & Kennair, L. E. O. (2018). Individual differences in sociosexuality predict picture-based mobile dating app use. *Personality and Individual Differences*, 131, 67-73. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.04.021>.
- Brase, G. L., & Dillon, M. H. (2022). Digging deeper into the relationship between self-esteem and mate value. *Personality and Individual Differences*, 185, 111219. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111219>.

- Brase, G. L., & Guy, E. C. (2004). The demographics of mate value and self-esteem. *Personality and Individual Differences*, 36(2), 471–484. [https://doi.org/10.1016/s0191-8869\(03\)00117-x](https://doi.org/10.1016/s0191-8869(03)00117-x).
- Britton, P. C., & Fuendeling, J. M. (2005). The relations among varieties of adult attachment and the components of empathy. *The Journal of Social Psychology*, 145(5), 519–530. <https://doi.org/10.3200/socp.145.5.519-530>.
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research* (2nd ed.). New York: The Guilford Press.
- Burtăverde, V., Jonason, P. K., Ene, C., & Istrate, M. (2021). On being “dark” and promiscuous: The Dark Triad traits, mate value, disgust, and sociosexuality. *Personality and Individual Differences*, 168, 110255. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110255>.
- Buss, D. M., & Barnes, M. (1986). Preferences in human mate selection. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(3), 559–570. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.50.3.559>.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2019). Mate preferences and their behavioral manifestations. *Annual Review of Psychology*, 70(1), 77–110. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-103408>.
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (1997). From vigilance to violence: Mate retention tactics in married couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(2), 346–361. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.72.2.346>.
- Buss, D. M., & Shackelford, T. K. (2008). Attractive women want it all: Good genes, economic investment, parenting proclivities, and emotional commitment. *Evolutionary Psychology*, 6(1), 147470490800600. <https://doi.org/10.1177/147470490800600116>.
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2014). A redução de itens como uma alternativa para a Escala Triangular do Amor. *Psicologia*, 28(2), 11–20. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v28i2.269>.
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da escala triangular do amor de sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3). <https://doi.org/10.1590/s0102-79722007000300020>.
- Castro, F. N., Hattori, W. T., Gaulin, S. J. C., Yamamoto, M. E., & Lopes, F. d. A. (2021). Male mating expectations in brazilian and american samples.

- Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.617754>.
- Castro, F. N., Hattori, W. T., Yamamoto, M. E., & Lopes, F. d. A. (2014). Social comparisons on self-perception and mate preferences: The self and the others. *Psychology*, 05(07), 688–699. <https://doi.org/10.4236/psych.2014.57080>.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: Um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 71–93. <https://doi.org/10.1590/s1413-294x2000000100005>.
- Clark, A. P. (2004). Self-perceived attractiveness and masculinization predict women's sociosexuality. *Evolution and Human Behavior*, 25(2), 113–124. [https://doi.org/10.1016/s1090-5138\(03\)00085-0](https://doi.org/10.1016/s1090-5138(03)00085-0).
- Conroy-Beam, D. (2017). Euclidean mate value and power of choice on the mating market. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 44(2), 252–264. <https://doi.org/10.1177/0146167217739262>.
- Conroy-Beam, D., Buss, D. M., Asao, K., Sorokowska, A., Sorokowski, P., Aavik, T., Akello, G., Alhabahba, M. M., Alm, C., Amjad, N., Anjum, A., Atama, C. S., Duyar, D. A., Ayebare, R., Batres, C., Bendixen, M., Bensafia, A., Bizumic, B., Boussena, M., ... Zupančič, M. (2019). Contrasting computational models of mate preference integration across 45 countries. *Scientific Reports*, 9(1). <https://doi.org/10.1038/s41598-019-52748-8>.
- Conroy-Beam, D., Goetz, C. D., & Buss, D. M. (2015). Why do humans form long-term mateships? An evolutionary game-theoretic model. *Advances in Experimental Social Psychology*, 51, 1–39.
- Conroy-Beam, D., Goetz, C. D., & Buss, D. M. (2016). What predicts romantic relationship satisfaction and mate retention intensity: mate preference fulfillment or mate value discrepancies? *Evolution and Human Behavior*, 37(6), 440–448. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2016.04.003>.
- Conroy-Beam, D., Roney, J. R., Lukaszewski, A. W., Buss, D. M., Asao, K., Sorokowska, A., Sorokowski, P., Aavik, T., Akello, G., Alhabahba, M. M., Alm, C., Amjad, N., Anjum, A., Atama, C. S., Atamtürk Duyar, D., Ayebare, R., Batres, C., Bendixen, M., Bensafia, A., ... Zupančič, M. (2019). Assortative mating and the evolution of desirability covariation. *Evolution and Human Behavior*, 40(5), 479–491. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2019.06.003>.
- Csajbók, Z., & Berkics, M. (2017). Factor, factor, on the whole, who's the best

- fitting of all? *Personality and Individual Differences*, 114, 92–102. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.03.044>.
- Csajbók, Z., & Berkics, M. (2022). Seven deadly sins of potential romantic partners: The dealbreakers of mate choice. *Personality and Individual Differences*, 186, 111334. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111334>.
- Csajbók, Z., Štěrbová, Z., Brewer, G., Cândeia, C. A., De Backer, C. J. S., Fernández, A. M., Fisher, M. L., Garcia, J. R., Kruger, D. J., Massar, K., Oberzaucher, E., Quintelier, K. J. P., van Geffen, R. E., Valentova, J. V., Varella, M. A. C., & Jonason, P. K. (2023). Individual differences in how desirable people think they are as a mate. *Archives of Sexual Behavior*. <https://doi.org/10.1007/s10508-023-02601-x>.
- Cuff, B. M. P., Brown, S. J., Taylor, L., & Howat, D. J. (2014). Empathy: A review of the concept. *Emotion Review*, 8(2), 144–153. <https://doi.org/10.1177/1754073914558466>.
- Decety, J., Bartal, I. B.-A., Uzefovsky, F., & Knafo-Noam, A. (2016). Empathy as a driver of prosocial behaviour: Highly conserved neurobehavioural mechanisms across species. *Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences*, 371(1686), 20150077. <https://doi.org/10.1098/rstb.2015.0077>.
- Devenport, S., Davis-McCabe, C., & Winter, S. (2023). A critical review of the literature regarding the selection of long-term romantic partners. *Archives of Sexual Behavior*. <https://doi.org/10.1007/s10508-023-02646-y>.
- Diamantopoulos, A., & Winklhofer, H. M. (2001). Index construction with formative indicators: An alternative to scale development. *Journal of Marketing Research*, 38(2), 269–277. <https://doi.org/10.1509/jmkr.38.2.269.18845>.
- Diener, E., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(4), 653–663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.4.653>.
- Eastwick, P. W., & Hunt, L. L. (2014). Relational mate value: Consensus and uniqueness in romantic evaluations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106(5), 728–751. <https://doi.org/10.1037/a0035884>.
- Eastwick, P. W., Finkel, E. J., & Joel, S. (2023). Mate evaluation theory. *Psychological Review*, 130(1), 211–241. <https://doi.org/10.1037/rev0000360>.

- Eastwick, P. W., Joel, S., Carswell, K. L., Molden, D. C., Finkel, E. J., & Blozis, S. A. (2023). Predicting romantic interest during early relationship development: A preregistered investigation using machine learning. *European Journal of Personality, 37*, 276–312. <https://doi.org/10.1177/08902070221085877>.
- Edlund, J. E., & Sagarin, B. J. (2014). The mate value scale. *Personality and Individual Differences, 64*, 72–77. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.02.005>.
- Ellis, M., Reis, S., & Vachon, D. D. (2021). A brazilian adaptation of the affective and cognitive measure of empathy. *Brazilian Journal of Psychiatry, 43*(3), 338–339. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-1665>.
- Falcone, E. M. d. O., Pinho, V. D. d., Ferreira, M. C., Fernandes, C. d. S., D'Augustin, J. F., Krieger, S., Plácido, M. G., Vianna, K. d. O., Electo, L. d. C. T., & Pinheiro, L. C. (2013). Validade convergente do inventário de empatia (IE). *Psico-USF, 18*(2), 203–209. <https://doi.org/10.1590/s1413-82712013000200004>.
- Feinberg, D. R. (2008). Are human faces and voices ornaments signaling common underlying cues to mate value? *Evolutionary Anthropology: Issues, News, and Reviews, 17*(2), 112–118. <https://doi.org/10.1002/evan.20166>
- Fisher ML, Cox A, Bennett S, Gavric D. Components of self-perceived mate value. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology. 2008;2:156–168.* doi: 10.1037/h0099347.
- Fernandes, H. B. F., Kennair, L. E. O., Hutz, C. S., Natividade, J. C., & Kruger, D. J. (2016). Are negative postcoital emotions a product of evolutionary adaptation? Multinational relationships with sexual strategies, reputation, and mate quality. *Evolutionary Behavioral Sciences, 10*(4), 219–244. <https://doi.org/10.1037/ebs0000050>.
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2016). A note on improving EAP trait estimation in oblique factor-analytic and item response theory models. *Psicológica, 37*(2), 235–247.
- Ferrando, P., & Lorenzo-Seva, U. (2017). Program FACTOR at 10: Origins, development and future directions. *Psicothema, 2*(29), 236–240. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.304>.
- Figueredo, A. J., Andrzejczak, D. J., Jones, D. N., Smith-Castro, V., & Montero, E.

- (2011). Reproductive strategy and ethnic conflict: Slow life history as a protective factor against negative ethnocentrism in two contemporary societies. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 5(1), 14–31. <https://doi.org/10.1037/h0099277>.
- Figueredo, A. J., Jacobs, W. J., Gladden, P. R., Bianchi, J., Patch, E. A., Kavanagh, P. S., Beck, C. J. A., Sotomayor-Peterson, M., Jiang, Y., & Li, N. P. (2018). Intimate partner violence, interpersonal aggression, and life history strategy. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 12(1), 1–31. <https://doi.org/10.1037/ebs0000101>.
- Fisher, M., Cox, A., Bennett, S., & Gavric, D. (2008). Components of self-perceived mate value. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 2(4), 156. <https://doi.org/10.1037/h0099347>.
- Fisher, M., Fernandez, A. M., Figueredo, O., & Horn, D. (2017). New perspectives on mate value: The distinction of short term and long-term mating contexts [Paper presentation]. Northeastern Evolutionary Psychology Society Annual Meeting, Binghamton, NY, United States.
- Fisman, R., Iyengar, S. S., Kamenica, E., & Simonson, I. (2006). Gender differences in mate selection: Evidence from a speed dating experiment. *The Quarterly Journal of Economics*, 121(2), 673–697. <https://doi.org/10.1162/qjec.2006.121.2.673>.
- Gangestad, S. W., & Simpson, J. A. (1990). Toward an evolutionary history of female sociosexual variation. *Journal of Personality*, 58(1), 69–96. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1990.tb00908.x>.
- Gillen, M. M., Collisson, B., Murtagh, M., Browne, B. L., & McCutcheon, L. E. (2016). Additional psychometric data for the mate value scale. *Journal of Relationships Research*, 7. <https://doi.org/10.1017/jrr.2016.7>.
- Goldberg, L. R. (1992). The development of markers for the big-five factor structure. *Psychological Assessment*, 4(1), 26–42. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.4.1.26>.
- Goodwin, R., Marshall, T., Fülöp, M., Adonu, J., Spiewak, S., Neto, F., & Hernandez Plaza, S. (2012). Mate value and self-esteem: Evidence from eight cultural groups. *PLoS ONE*, 7(4), Artigo e36106. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0036106>.
- Hair Jr., J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009).

- Análise Multivariada de Dados (6th ed.). Porto Alegre: Bookman.
- Hattori, W. T., & Castro, F. N. (2017). As origens do amor: Evolução da escolha de parceiros. In M. L. Vieira, & A. D. Oliva (Orgs.), *Evolução, Cultura e Comportamento Humano* (pp. 220-281). Edições do Bosque.
- Hattori, W. T., Castro, F. N., & Lopes, F. d. A. (2013). Mate choice in adolescence: Idealizing romantic partners. *Psico*, *44*, p. 226-234.
- Hewitt, J. P. (2009). The social construction of self-esteem. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Oxford handbook of positive psychology* (pp. 217–224). Oxford: Oxford University Press.
- Hromatko, I., Bajoghli, H., Rebernjak, B., Joshaghani, N., & Tadinac, M. (2015). Relationship satisfaction as a function of mate value. *Evolutionary Behavioral Sciences*, *9*(4), 242–256. <https://doi.org/10.1037/ebs.0000055>.
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale. *Avaliação Psicológica*, *10*(1), 41–49. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712011000100005.
- Hutz, C. S., Zanon, C. & Ana Claudia, S. V. (2014). Escala de autoestima de rosenberg. In Claudio. S. Hutz (Org.). *Avaliação em Psicologia Positiva*. Porto Alegre: Artmed.
- JASP Team (2025). JASP (Version 0.19.3) [Computer software].
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2004). Empathy and offending: A systematic review and meta-analysis. *Aggression and Violent Behavior*, *9*(5), 441–476. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2003.03.001>.
- Jonason, P. K., Betes, S. L., & Li, N. P. (2020). Solving mate shortages: Lowering standards, searching farther, and abstaining. *Evolutionary Behavioral Sciences*, *14*(2), 160–172. <https://doi.org/10.1037/ebs0000174>.
- Jonason, P. K., Marsh, K., Dib, O., Plush, D., Doszpot, M., Fung, E., Crimmins, K., Drapski, M., & Di Pietro, K. (2019). Is smart sexy? Examining the role of relative intelligence in mate preferences. *Personality and Individual Differences*, *139*, 53–59. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.11.009>.
- Jonason, P., & Bulyk, R. (2019). Who uses Tinder?: The Dark Triad traits, attachment, and mate value. *Studia Psychologica*, *19*(1).

<https://doi.org/10.21697/sp.2019.19.1.01>.

- Kernis, M. H. (2005). Measuring self-esteem in context: The importance of stability of self-esteem in psychological functioning. *Journal of Personality*, *73*(6), 1569–1605. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2005.00359.x>
- Kirsner, B. R., Figueredo, A. J., & Jacobs, W. J. (2003). Self, friends, and lovers: Structural relations among Beck Depression Inventory scores and perceived mate values. *Journal of Affective Disorders*, *75*(2), 131–148. [https://doi.org/10.1016/s0165-0327\(02\)00048-4](https://doi.org/10.1016/s0165-0327(02)00048-4).
- Kline, R. B. (2011). Principles and practice of structural equation modeling (3rd ed.). Guilford Press.
- Landolt, M. A., Lalumière, M. L., & Quinsey, V. L. (1995). Sex differences in intra-sex variations in human mating tactics: An evolutionary approach. *Ethology and Sociobiology*, *16*(1), 3–23. [https://doi.org/10.1016/0162-3095\(94\)00012-v](https://doi.org/10.1016/0162-3095(94)00012-v).
- Londero-Santos, A., Natividade, J. C., & Féres-Carneiro, T. (2021). Uma medida de satisfação com o relacionamento amoroso. *Revista Avaliação Psicológica*, *20*(01). <https://doi.org/10.15689/ap.2021.2001.18901.02>.
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H. A. L. (2011). The hull method for selecting the number of common factors. *Multivariate Behavioral Research*, *46*(2), 340–364. <https://doi.org/10.1080/00273171.2011.564527>.
- Mikulincer, M., Shaver, P. R., Gillath, O., & Nitzberg, R. A. (2005). Attachment, caregiving, and altruism: Boosting attachment security increases compassion and helping. *Journal of Personality and Social Psychology*, *89*(5), 817–839. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.89.5.817>.
- Molloy, K., & Wagstaff, D. (2021). Effects of gender, self-rated attractiveness, and mate value on perceptions tattoos. *Personality and Individual Differences*, *168*, 110382. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110382>.
- Montoya, R. M. (2008). I'm hot, so i'd say you're not: The influence of objective physical attractiveness on mate selection. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *34*(10), 1315–1331. <https://doi.org/10.1177/0146167208320387>.
- Nascimento, B. S., Hanel, P. P. H., Monteiro, R. P., Gouveia, V. V., & Little, A. C. (2018). Sociosexuality in Brazil: Validation of the SOI-R and its correlates with personality, self-perceived mate value, and ideal partner preferences. *Personality and Individual Differences*, *124*, 98–104.

<https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.12.007>.

- Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2016). Personal characteristics associated with sexuality can be classified into seven dimensions in Brazil. *Personality and Individual Differences*, *97*, 88–97. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.03.030>.
- Natividade, J. C., & Shiramizu, V. K. M. (2015). Uma medida de apego: Versão brasileira da Experiences in Close Relationship Scale - Reduzida (ECR-R-Brasil). *Psicologia USP*, *26*(3), 484–494. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140086>.
- Natividade, J. C., Fernandes, H. B. F., & Hutz, C. S. (2013, Junho, 4-7). *Evidências de validade para o Brasil do Inventário de Orientação Sociosexual Revisado (SOI-R-Brasil)* [Pôster apresentado]. VI Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica, Maceió, AL. <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.2.19168.23042>.
- Noë, R., & Hammerstein, P. (1995). *Biological markets*. *Trends in Ecology & Evolution*, *10*(8), 336–339. [https://doi.org/10.1016/s0169-5347\(00\)89123-5](https://doi.org/10.1016/s0169-5347(00)89123-5).
- Nunnally, J.C., & Bernstein, I.H. (1994) *Psychometric theory*. 3rd Ed. New York: McGraw-Hill.
- Olderbak, S. G., Malter, F., Wolf, P. S. A., Jones, D. N., & Figueredo, A. J. (2017). Predicting romantic interest at zero acquaintance: Evidence of sex differences in trait perception but not in predictors of interest. *European Journal of Personality*, *31*(1), 42–62. <https://doi.org/10.1002/per.2087>.
- Pasquali, L. (1999). Histórico dos instrumentos psicológicos. In L. Pasquali (Ed.), *Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração* (pp.1-12). LabPAM/IBAPP.
- Pawłowski, B., & Dunbar, R. I. M. (1999). Withholding age as putative deception in mate search tactics. *Evolution and Human Behavior*, *20*(1), 53–69. [https://doi.org/10.1016/s1090-5138\(98\)00038-5](https://doi.org/10.1016/s1090-5138(98)00038-5).
- Penke, L., & Asendorpf, J. B. (2008). Beyond global sociosexual orientations: A more differentiated look at sociosexuality and its effects on courtship and romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, *95*(5), 1113. doi: 10.1037/0022-3514.95.5.1113.
- Pereira, K. J., David, V. F., Varella, M. A. C., & Valentova, J. V. (2020). Environmental threat influences preferences for sexual dimorphism in male and female faces but not voices or dances. *Evolution and Human Behavior*,

- 41(4), 303–311. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2020.05.003>.
- Pflüger, L. S., Oberzaucher, E., Katina, S., Holzleitner, I. J., & Grammer, K. (2012). Cues to fertility: Perceived attractiveness and facial shape predict reproductive success. *Evolution and Human Behavior*, 33(6), 708–714. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2012.05.005>.
- Pordea, A., Kinga, K.-J., & Szamosközi, I. (2016). Adaptation of the mate value inventory among transylvanian hungarian sample. In Psychology and the realities of the contemporary world. *Romanian Society of Experimental Applied Psychology*. <https://doi.org/10.15303/rjeap.2016.si1.a33>.
- R Core Team (2024). *_R: A Language and Environment for Statistical Computing_*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. <<https://www.R-project.org/>>.
- Rameson, L. T., Morelli, S. A., & Lieberman, M. D. (2012). The neural correlates of empathy: Experience, automaticity, and prosocial behavior. *Journal of Cognitive Neuroscience*, 24(1), 235–245. https://doi.org/10.1162/jocn_a_00130.
- Regan, P. C. (1998). What if you can't get what you want? Willingness to compromise ideal mate selection standards as a function of sex, mate value, and relationship context. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24(12), 1294–1303. <https://doi.org/10.1177/01461672982412004>.
- Reniers, R. L. E. P., Corcoran, R., Drake, R., Shryane, N. M., & Völlm, B. A. (2011). The QCAE: A questionnaire of cognitive and affective empathy. *Journal of Personality Assessment*, 93(1), 84–95. <https://doi.org/10.1080/00223891.2010.528484>.
- Revelle, W. (2024). *_psych: Procedures for psychological, psychometric, and personality research_*. Northwestern University, Evanston, Illinois. R package version 2.4.6. <<https://CRAN.R-project.org/package=psych>>.
- Ribeiro, C. M., de Pinho, V. D., & de Oliveira Falcone, E. M. (2011). A influência da raiva e da empatia sobre a satisfação conjugal. *Aletheia*, (35-36).
- Rodriguez, L. M., Mesurado, B., & Moreno, J. E. (2018). Ethical position, empathy and prosocial behaviour model: Its contribution to prevention and psychotherapeutic approaches of antisocial disorders. In *Psychiatry and neuroscience update* (pp. 273–286). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-95360-1_22.

- Rosenberg, M. (1965). *The Measurement of Self-Esteem*. Society and the adolescent self-image (pp. 16-28). Princeton: Princeton University Press.
- Rosseel, Y. (2012). lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1-36. <https://doi.org/10.18637/jss.v048.i02>.
- Rusbult, C. E. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of experimental social psychology*, 16(2), 172-186.
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. (1998). Investment Model Scale [Database record]. APA PsycTests. <https://doi.org/10.1037/t07092-000>.
- Salkicevic, S., Stanic, A. L., & Grabovac, M. T. (2014). Good mates retain us right: Investigating the relationship between mate retention strategies, mate value, and relationship satisfaction. *Evolutionary Psychology*, 12(5), 147470491401200. <https://doi.org/10.1177/147470491401200512>.
- Sardinha, A., Falcone, E. M. d. O., & Ferreira, M. C. (2009). As relações entre a satisfação conjugal e as habilidades sociais percebidas no cônjuge. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 395–402. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722009000300013>.
- Schmitt, D. P., & Buss, D. M. (2000). Sexual dimensions of person description: Beyond or subsumed by the big five? *Journal of Research in Personality*, 34(2), 141–177. <https://doi.org/10.1006/jrpe.1999.2267>.
- Schmitt, D. P., & Jonason, P. K. (2019). Self-esteem as an adaptive sociometer of mating success: Evaluating evidence of sex-specific psychological design across 10 world regions. *Personality and Individual Differences*, 143, 13–20. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.02.011>.
- Sela, Y., Mogilski, J. K., Shackelford, T. K., Zeigler-Hill, V., & Fink, B. (2016). Mate value discrepancy and mate retention behaviors of self and partner. *Journal of Personality*, 85(5), 730–740. <https://doi.org/10.1111/jopy.12281>.
- Silva, J. G. W., Garzoni, D., Novaes, F.C., & Natividade, J. C. (2023, July, 22-25). Sexual attractiveness on measure: Validity evidence of an instrument [Poster presentation]. International Society for Human Ethology, Pernambuco, Recife, Brazil.
- Singh D. (2002). Female mate value at a glance: Relationship of waist-to-hip ratio to health, fecundity and attractiveness. *Neuro endocrinology letters*, 23 Suppl

4, 81–91.

- Sorokowski, P., Sorokowska, A., Karwowski, M., Groyecka, A., Aavik, T., Akello, G., Alm, C., Amjad, N., Anjum, A., Asao, K., Atama, C. S., Atamtürk Duyar, D., Ayebare, R., Batres, C., Bendixen, M., Bensafia, A., Bizumic, B., Boussena, M., Buss, D. M., ... Sternberg, R. J. (2020). Universality of the triangular theory of love: Adaptation and psychometric properties of the triangular love scale in 25 countries. *The Journal of Sex Research*, *58*(1), 106–115. <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1787318>.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, *93*(2), 119–135. <https://doi.org/10.1037/0033-295x.93.2.119>.
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 119–138). Yale University Press.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, *27*(3), 313–335. [https://doi.org/10.1002/\(sici\)1099-0992\(199705\)27:3%3C313::aid-ejsp824%3E3.0.co;2-4](https://doi.org/10.1002/(sici)1099-0992(199705)27:3%3C313::aid-ejsp824%3E3.0.co;2-4).
- Streiner, D.L. (2003). Starting at the beginning: An introduction to coefficient alpha and internal consistency. *Journal of Personality Assessment*, *80*(1), 99–103. https://doi.org/10.1207/S15327752JPA8001_18.
- Strouts, P. H., Brase, G. L., & Dillon, H. M. (2017). Personality and evolutionary strategies: The relationships between HEXACO traits, mate value, life history strategy, and sociosexuality. *Personality and Individual Differences*, *115*, 128–132. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.03.047>.
- Sugiyama, L.S. (2015). Physical Attractiveness: An Adaptationist Perspective. In *The Handbook of Evolutionary Psychology*, D.M. Buss (Ed.). <https://doi.org/10.1002/9781119125563.evpsych112>.
- Symons, D. (1987). Can Darwin's view of life shed light on human sexuality? In J. H. Geer & W. T. O'Donohue (Eds.), *Theories of human sexuality* (pp. 91–125). New York, NY: Plenum Press.
- Taber, K. S. (2018). The use of Cronbach's alpha when developing and reporting research instruments in science education. *Research in Science Education*, *48*, 1273–1296. <https://doi.org/10.1007/s11165-016-9602-2>.
- Tapia-Fonllem, C. O., Valenzuela Peñuñuri, R., Beltrán Sierra, N., Nieblas Soto, N., Peñaherrera-Aguirre, M., Figueredo, A. J., & Hertler, S. C. (2024). The

- Madonna–whore complex: An empirical test of evolutionary hypotheses. *Evolutionary Behavioral Sciences*. <https://doi.org/10.1037/ebs0000356>.
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological Methods*, *16*(2), 209–220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>.
- Vachon, D. D., & Lynam, D. R. (2015). Fixing the problem with empathy. *Assessment*, *23*(2), 135–149. <https://doi.org/10.1177/1073191114567941>.
- Vachon, D. D., Lynam, D. R., & Johnson, J. A. (2014). The (non)relation between empathy and aggression: Surprising results from a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, *140*(3), 751–773. <https://doi.org/10.1037/a0035236>.
- van Noorden, T. H. J., Haselager, G. J. T., Cillessen, A. H. N., & Bukowski, W. M. (2014). Empathy and involvement in bullying in children and adolescents: A systematic review. *Journal of Youth and Adolescence*, *44*(3), 637–657. <https://doi.org/10.1007/s10964-014-0135-6>.
- Walter, K. V., Conroy-Beam, D., Buss, D. M., Asao, K., Sorokowska, A., Sorokowski, P., Aavik, T., Akello, G., Alhabahba, M. M., Alm, C., Amjad, N., Anjum, A., Atama, C. S., Atamtürk Duyar, D., Ayebare, R., Batres, C., Bendixen, M., Bensafia, A., Bizumic, B., ... Zupančič, M. (2020). Sex differences in mate preferences across 45 countries: A large-scale replication. *Psychological Science*, *31*(4), 408–423. <https://doi.org/10.1177/0956797620904154>.
- Walter, K. V., Conroy-Beam, D., Buss, D. M., Asao, K., Sorokowska, A., Sorokowski, P., Aavik, T., Akello, G., Alhabahba, M. M., Alm, C., Amjad, N., Anjum, A., Atama, C. S., Duyar, D. A., Ayebare, R., Batres, C., Bendixen, M., Bensafia, A., Bizumic, B., ... Zupančič, M. (2021). Sex differences in human mate preferences vary across sex ratios. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, *288*(1955), 20211115. <https://doi.org/10.1098/rspb.2021.1115>.
- Waynforth, D. (2001). Mate choice trade-offs and women's preference for physically attractive men. *Human Nature*, *12*(3), 207–219. <https://doi.org/10.1007/s12110-001-1007-9>.
- Wei, M., Russell, D. W., Mallinckrodt, B., & Vogel, D. L. (2007). The experiences in close relationship scale (ecr)-short form: Reliability, validity, and factor

structure. *Journal of Personality Assessment*, 88(2), 187–204.
<https://doi.org/10.1080/00223890701268041>.

Zych, I., Baldry, A. C., Farrington, D. P., & Llorent, V. J. (2019). Are children involved in cyberbullying low on empathy? A systematic review and meta-analysis of research on empathy versus different cyberbullying roles. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 83–97.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.03.004>.

Zych, I., Farrington, D. P., & Ttofi, M. M. (2019). Protective factors against bullying and cyberbullying: A systematic review of meta-analyses. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 4–19.
<https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.06.008>.